

Director, editor e proprietário  
**Antonino Dias Pinto de Castro**  
—  
Redacção e Administração:  
Rua da Rainha, 56-A  
Telef. 4515

# Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão  
**TIP. IDEAL**  
Telef. 4581  
—  
VISADO PELA CENSURA  
— AVENÇA —

## Factos e Impressões... Centenário

### Boas palavras

As palavras que vamos transcrever, apesar de haver decorrido algum tempo sobre o momento em que foram pronunciadas, não perderam a oportunidade. São sempre oportunas as palavras que exprimem as grandes ideias ou os grandes pensamentos.

Numa das suas intervenções na Assembleia Nacional, o coronel sr. Ricardo Durão, depois de se referir ao sistema tributário em vigor, declarou «que não está na sua ideologia o ataque sistemático às grandes fortunas, desde que elas compreendam e executem a sua alta missão filantrópica. O que abertamente condena — frisou aquele deputado — é o procedimento indecoroso de certos nababos que vivem aferrolhando, acumulando e explorando, com desprezo infinito pelos dramas do seu semelhante».

Evidentemente que ninguém de bom senso será capaz de estabelecer guerra aberta às grandes fortunas — o que seria desumano e anti-social — desde que se verifique que os seus detentores, cumprindo um cristianíssimo dever, as põem decididamente ao serviço da comunidade.

Mas, na maior parte, não acontece assim. É o ilustre deputado a que nos referimos, tem carradas de razão.

Na maior parte as grandes fortunas estão subjugadas à ferocidade de um egoísmo que destrói toda a beleza dos sentimentos humanos. E não admira que haja um desprezo infinito pelos dramas do semelhante.

Como muito bem disse, na Assembleia Nacional, o coronel sr. Ricardo Durão, é de condenar o procedimento — indecoroso e revoltante — de certos nababos, sempre insaciáveis, que vivem aferrolhando e explorando, insensíveis à dignidade e aos direitos dos outros e até ao próprio bem e ao progresso da nação.

Nós também não condenamos as grandes fortunas e ninguém o fará quando os seus detentores se convencerem que são simples depositários dos bens de Deus. Mas o esmagamento, a cobiça, a voracidade insana e o desprezo pela personalidade dos outros, não podem passar sem a nossa condenação. A nossa e a de Deus.

### Grande exemplo

Nem tudo é mau neste mundo. De vez em quando topamos com nobres exemplos que bem dignos são de louvor.

Ainda agora acabamos de ler «que o capelão do Santuário do Sameiro, mons. dr. Abílio Pereira de Araújo e sua irmã D. Guilhermina de Araújo, decidiram contribuir para o «Património dos Pobres», mandando construir 10 casas na freguesia de Ribeirão, concelho de Famalicão, de onde são naturais e outras 10 na freguesia de Espinho, concelho de Braga, de que aquele sacerdote é também pároco, para o que pôs à venda as suas propriedades de Ribeirão, a fim de obter os necessários fundos».

O nobre exemplo deste sacerdote é, realmente, digno

de admiração — e de ser imitado por tantos que se esquecem da sublime doutrina de Cristo.

Guimarães deve marcar, mas de maneira convincente, a sua presença nessa obra admirável, iluminada pelo espírito generoso do P. Américo. Tem largas possibilidades para o fazer. Que o sintam e compreendam os que podem.

### Tentativas de perturbação

Continua a União Indiana a sua política de ataques sistemáticos à soberania portuguesa em Goa, servindo-se de miseros «satyagrahis» recrutados entre a ralé...

Desmascarado aos olhos do mundo, o sr. Nehru permite todos os atropelos e as mais

Continua na 2.ª página.

## Para maior glória de Guimarães

Além dos actos de grande solenidade que se têm celebrado junto do Castelo — actos que assinalaram os anos de 1940, 1953 e 1955, — outros de menos vulto se registam com igual significado nacionalista.

Ainda agora o Colégio Araújo Lima, da cidade do Porto, ali trouxe os seus alunos, para na colina onde tomou vulto a independência do Condado Portucalense lhes dar uma lição forte de patriotismo.

São os monumentos por si lições vivas, de uma emotividade singular. Lida, interpretada uma página de história pelos livros, tem menos sugestivo encanto que aquela leitura produzida junto de um monumento a que a mesma leitura alude.

Assim mesmo o entenderam os Directores do Colégio portuense, vindo ao Castelo de Guimarães com os seus alunos recitar estâncias de Camões e trechos da História Pátria.

Este facto não é novo. Inúmeras excursões escolares ali têm vindo com o mesmo fim. Destas visitas escolares o tema aliciante é, além da feição recreativa, aquela lição que nos fala dos primórdios da Nação e da beleza épica dos seus precursores.

Também ali têm vindo artistas cénicos representando, além de autos medievais, o teatro sugestivo de Gil Vicente — representações orientadas por Schwalbach, Afonso Lopes Vieira, Robles Monteiro, Amélia Rei Colaço, Francisco Lage e António Pedro.

Estes factos de objectivo cultural só se tornaram possíveis desde aquele dia em que se pôs a descoberto na sua majestade empolgante o Castelo, agora restaurado e enriquecido com o seu parque, este cada vez mais a caminho de uma integração plena, dados os trabalhos em marcha.

Voltadas como estão para este local de memoráveis recordações históricas as atenções do Governo; compreendido por todos os nobres espíritos quanto representa para a grandeza do património nacional a conservação dos monumentos que na colina se erguem; acompanhado o in-

teresse dos vimezanenses em promover a boa política de valorização dos seus monumentos, só nos resta acompanhar este movimento renascente, impulsionando-o, aplaudindo-o.

Ainda agora a resolução definitiva de que no Paço Ducal ficam desde já os grandes panos historiados de Pastrana, é sintoma claro e manifesto de que no referido monumento se irá promover uma obra de notável grandeza nacional, fazendo que ali surja mais um Museu de características ainda não definitivamente estudadas, é certo, mas que excederão as perspectivas dos Museus existentes, factor original que mais há-de impôr à admiração de nacionais e estrangeiros a monumentalidade da nossa terra.

Por vezes os homens que

Continua na 5.ª página

de tão grande valor, transcrever os dados biográficos da sua vida, o que, só por si, será o suficientemente eloquente para que em todos faça nascer a justa admiração e respeito por quem tão bem soube servir com dedicação e fidelidade.

Bernardo Pinheiro Correia de Melo era o seu nome;



CONDE DE ARNOSO

nascido na casa do Proposto, desta cidade, era filho de João Pinheiro Machado Lobo da Figueira Correia de Melo e Almada, 1.º Visconde e 12.º senhor do Vínculo de Pindela, e de sua augusta mulher Dona Eulália Estelita de Freitas Rangel de Quadros. Pode-se contar, na sua ilustre ascendência, Gaspar Pinheiro, que serviu na Índia em companhia de seu tio Martim Afonso de Sousa, então Vice-Rei; Estêvão Pinheiro, que com grande número de soldados acompanhou à África El-Rei D. Sebastião; Manuel Pinheiro Figueira, Cónego da Sé de Braga e D. Diogo Figueira, Deão da mesma Sé; e Xisto Figueira, Comendador da Vila de Muia. Seu próprio pai deixou um nome ilustre: presidente da Câmara Municipal de Guimarães, depois nas mãos da Rainha

Continua na 2.ª página.

## A UM TROVADOR

Ao poeta Luís Otávio, agradecendo-lhe o seu livro «Trovas».

Trovador, o teu viver  
Faz a gente meditar:  
Se cantas para esquecer,  
Ou sofres, para cantar.

Trovador, que choras tanto,  
Enches de sonhos, a vida...  
Gera pérolas do pranto  
A dor, em ostra ferida.

Ó Trovador meu amigo,  
O sofrimento adivinhas:  
Não sei se canto contigo,  
Se as tuas penas são minhas.

O Poeta quando reza  
As cantigas de ninguém:  
Não é só dele a tristeza  
No desabafo de alguém.

A Fonte não chora apenas  
Cantigas das suas águas...  
— Benditas sejam as penas  
Que às sedes trouxeram águas...

Fonte de eterna candura,  
Que se entrega ao caminhante:  
Linha virgem, fica pura...  
E se turva, é por instante!

Fonte humilde, sempre amiga,  
Entre verdes saramagos:  
É teu choro uma cantiga  
Murmurando os teus afagos.

Rio de Janeiro.

ELÍSIO DE VASCONCELOS.

## A HOMENAGEM ao Rev. P.º ALFREDO CORREIA

### foi grandiosa

Os antigos alunos do saudoso Professor Padre Alfredo João da Silva Correia, que viveu nesta cidade e aqui exerceu o Magistério, ensinando gerações, promoveram no domingo a anunciada homenagem à sua memória, conforme a sugestão que o nosso distinto Colaborador Sr. A. Garibaldi apresentou nas colunas do nosso jornal.

E foi grandiosa, bem significativa e comevedora, revestida embora da maior singeleza, essa manifestação de saudade a que se associaram, além de muitas dezenas de alunos e alunas do pranteado Professor, muitos dos seus amigos e admiradores, conterrâneos e pessoas de sua família — as famílias Correia, Cunha Guimarães e Pinto Lisboa, etc.

A ampla e linda igreja de S. Jorge de Selho (Pevidém) via-se repleta de pessoas durante o primeiro acto da homenagem — a Missa que em sufrágio da alma do Padre Alfredo Correia foi rezada pouco depois das 9 horas e meia. Foi celebrante o Rev. Arcipreste, Padre António de Araújo Costa que, na altura propicia se referiu à homenagem que traduz a gratidão dos alunos ao seu Mestre.

Seguidamente organizou-se a Romagem ao Cemitério, em que tomaram parte centenas de pessoas, entre elas muitas senhoras que eram portadoras de ramos de flores e crianças das escolas transportando também flores.

No cemitério, no túmulo do Padre Alfredo Correia foi descerada uma placa evocativa daquela consagração, cerimónia a que procedeu a antiga aluna Senhora D. Laura Cepa. Em seguida foi feita a depo-

### Comércio encerrado

Por o dia 28 de Maio coincidir com o dia de mercado semanal nesta cidade, foi transferido para amanhã, 30, o feriado respeitante ao Contrato Colectivo de Trabalho dos Caixeiros, pelo que estão encerrados os estabelecimentos comerciais em todo o nosso concelho.

### FESTAS DA CIDADE

A Direcção do Grémio do Comércio, com a colaboração de alguns vimezanenses, que já o ano passado trabalharam na organização das Festas da Cidade, iniciou na 3.ª-feira última a subscrição pública para as referidas festas e está a proceder ao estudo de alguns dos números que hão-de constituir o programa das «Gualterianas» deste ano.

### Nova Festa

no Grémio do Comércio

A Comissão instaladora da Assembleia Vimezanense vai promover uma verbena, no jardim do Grémio do Comércio e na noite de Santo António, esperando que aquela festa, a que procura imprimir todo o brilho, reúna numerosas famílias de Cidade.

sição de muitos ramos de flores.

Usou da palavra o antigo aluno sr. Angelino Alves Basto, que disse:

Mestre — Amigo  
Cá estamos presentes para mais uma lição não a lição de um programa escolar rígido, mas sim uma lição amena, porque envolve gratidão, amor e saudade, pelo querido Mestre que hoje como sempre, evocamos com carinho.

É uma lição igual a muitas que nos ensinou, mas agora no âmbito que rescende do respeito que se deve aos Mortos.

E é com o sentido neste profundo conceito que aqui nos encontramos para, espiritualmente, ouvirmos uma vez mais os seus humaníssimos conselhos.

Aqueles conselhos em que nos ensinava, nobremente, o auxílio que devemos ao nosso semelhante, em que nos aconselhava a não sermos dominados pelo egoísmo, pela maldade, nem pelo orgulho, porque são destes tres defeitos que mais advem o mal da Humanidade.

Hoje, que somos homens, reconhecemos o seu receio e a sua razão. Nunca a história registou factos mais tumultuosos nem conturbações ideológicas como nos nossos dias, porque também nunca houve tanto egoísmo, tanta maldade nem tanto orgulho entre os homens.

Nas horas adversas da encruzilhada da Vida, em que o nosso espírito se confunde ao contemplar tanta injustiça e tanta miséria social, temos muitas vezes recorrido aos seus cristianíssimos conselhos. E devemos dizer que, depois de os rememorar, nos sentimos mais confortados, mais fortes.

É o seu espírito a predominar no nosso coração.

E quanto mais o tempo decorre,

## COMEÇA a construir-se o Palácio de Justiça

Já se encontram em Guimarães as brigadas de presos que vêm trabalhar nas obras de construção do Palácio de Justiça, tendo-se iniciado já ontem a vedação do terreno, onde esses trabalhos se vão realizar.

O Palácio de Justiça — um edifício grandioso que ficará situado na parte nova da cidade, entre as Avenidas Alberto Sampaio e Cónego Gaspar Estação, em terrenos já adquiridos pela Câmara aos srs. Armino Coelho e António Martins Ribeiro da Silva — é projecto do Architecto Luís Benavente e terá instalações para o Tribunal e para diversas outras Repartições Públicas, como sejam: Notariado, Conservatórias do Registo Civil e Predial, etc., ficando ao eixo na parte posterior, a Av. dos Combates da G. Guerra e a frente voltada aos Paços dos Duques de Bragança.

A promessa do Palácio de Justiça havia sido feita há anos já, quando presidia à Câmara Municipal o sr. João Maria Rodrigues Martins da Costa (Aldão). Surgiram dificuldades que se arrastaram ainda durante a presidência do sr. Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, que lhe sucedeu naquele lugar as quais só agora puderam ser resolvidas. O actual presidente da Câmara, sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira consegue ver bem sucedidos os seus esforços para a efectivação daquela promessa,

## O Palácio de Justiça de Guimarães

Foi revestida de muita solenidade a cerimónia, breve e simples embora, do início dos trabalhos para a construção do Palácio de Justiça a que, devido ao adiantado da hora, só nos podemos referir no próximo número. Assistiram alguns milhares de pessoas, entre elas numerosas figuras de representação da cidade e concelho, tendo assistido a Câmara com o seu ilustre Presidente e o Chefe do Distrito. Usaram da palavra estas duas Autoridades que se referiram ao acontecimento, louvando o Governo da Nação. O Sr. Almirante Sousa Ventura foi convidado a pregar o primeiro prego, acto que foi assinalado por foguetes, palmas, acordes musicais e repiques de sinos.

Foram enviados telegramas aos Srs. Presidente do Conselho e Ministros das Obras Públicas e Justiça.

### SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à R. da Rainha, Telef. 4146.

mais ele vive e revive no nosso peito, porque foi o molde do nosso carácter, é uma parte do nosso ser. Espírito superior e bondoso, é igual ao dos grandes homens que a história nos demonstra que não morreram nem morrerão, pois são os espíritos esclarecidos que deita à terra a semente do fruto por que a Humanidade anseia, ou seja a prática de uma das mais belas sentenças de Jesus Cristo: não desejês para os outros o que não queres para ti.

Por isso, saudoso Mestre, estamos-lhe eternamente reconhecidos pela luz que fez penetrar no nosso espírito e pela feição que deu ao nosso carácter.

E para bem da Humanidade, oxalá que esta nova geração tenha a felicidade de seguir os seus conceituosos conselhos e os seus magníficos exemplos, para que também possa contribuir para um Mundo melhor.

E o nosso Colaborador, sr. A. Garibaldi, proferiu, depois, esta oração:

Recordar os mortos é reviver. E' reviver lembrar aqueles que foram nossos — ou pelo sangue, ou pelo coração.

Esta romagem é um acto de saudade — mas é também um acto de revivência.

E nós precisamos de reviver, presos à luz roxinha da saudade, é certo, mas presos também àqueles que foram nossos, àqueles que nos pertenceram, ou pelo sangue, ou pelo coração.

Com efeito, para sempre no nosso coração ficou a figura simpática do P.<sup>o</sup> Alfredo, nosso saudoso professor.

Estou a vê-lo, estamos a vê-lo, na sua maneira elegante e aliciente. Era um professor que nos castigava, quando merecíamos, mas a bem dizer, não nos metia medo. Tudo fez para nosso bem. Sabia ensinar. Cumpriu a sua missão de pedagogo como um verdadeiro apostolado.

A escola é a raiz da vida. O que lá se recebe — é o que na vida se dá. Os que bendizem a Escola, é porque da Escola receberam grandes lições. Nós pertencemos, felizmente, a esse número.

O P.<sup>o</sup> Alfredo foi um grande pedagogo. Só um grande pedagogo poderia justificar esta cerimónia que estamos promovendo.

Temos da nossa Escola boas e gratas recordações. Recordações que nos alegram, mas que nos comovem.

Já lá vão cerca de três dezenas de anos — e tudo parece que foi ontem.

O P.<sup>o</sup> Alfredo era de austero e bondoso carácter. E sabia do seu ofício. Nós ficávamos a saber.

Temos da nossa escola uma lição de alegria, de simpática alegria, que nos enternece.

Ditosa escola, tão perto e tão distante!

Eramos como pombas em revoadas, na alegria dos cânticos e das festas.

Nunca mais se apagaram dos nossos corações as lições de ternura e de beleza que recebemos da nossa escola.

¿Rapazes e rapariguinhas, lembrais-vos?

¿E tu, P.<sup>o</sup> Alfredo, lembras-te?

Com certeza vos lembrais, corações do nosso encanto — e essa lembrança é como uma luz de estrela verde que vai ficando delgada na distância, e que nos acena, e que nos faz chorar...

P.<sup>o</sup> Alfredo: hoje aqui viemos ter contigo, como pombas ainda em revoadas, e trouxemos-te flores — e trouxemos-te crianças — os nossos filhos, a geração que nos segue. Tudo isso amaste, P.<sup>o</sup> Alfredo, as crianças e as flores, porque foste bom, e bem cumpriste e realizaste o teu lugar na vida. E foste modesto e simples — aquela simplicidade que nos transmitiste e que faz o encanto da existência.

Tudo temos a bendizer das lições que nos deste, P.<sup>o</sup> Alfredo. E uma

## A insolência de certos «jornalistas» de aldeia...

No número deste jornal de 8 do corrente, sob o título «Jornalismo de aldeia»... fizemos referência ao chorralho de dislates que um plúmimo barato, dos lados de Cerzedelo, a propósito de uma excursão a Fátima, atirou para a página do Pevidém, que um jornalzinho local publica de quinze em quinze dias.

Não há dúvida alguma que a zurzidela esteve à altura do inconcebível desprate. Poderia, todavia, ter sido aproveitada como lição, se da parte dos mentores da «Secção quinzenal» houvesse um mínimo de senso e inteligência — o que, infelizmente, não se verificou.

Em determinada altura, porém, reconhecemos que o plúmimo merecia comisseração. Pobres de espírito há muitos por esse mundo... E nesta ordem de ideias e pelo escrupulo moral que as circunstâncias por vezes impõem, poupamo-lo à transcrição das baboseiras, em pormenores ínfimos e desprezíveis, sobretudo, ao conhecimento de uma frase a que atribuímos «sentido execrável de ironia rasteira, confundido no anacronismo de linguagem primitiva».

Dezoito dias depois, ou seja, na mesma página publicada no número de quinta-feira do tal jornalzinho, vem à estacada um senhor qualquer, que se chama José do Campo — camponião, já se vê... — com pretensões estultas, que vão corajosamente até à defesa da justiça e ao aplauso «dos que trilham rectas directrizes»...

Pobre justiça, se houvesse de ser defendida tão quixotesicamente por mentalidades deste jaez!...

E o que diz o sr. José do Campo, no seu arrazoado risível? Coitado! Na prosa, apreciado com certa benevolência, diz simplesmente asneiras. Fraco defensor arranjou o «jornalista» de Cerzedelo, o tal — pasmem, leitores! — que aplaude os torneios de tiro aos pombos só por que os marotos dão cabo dos feijões miúdos do campo de sua mãe,

das maiores é aquela que estamos realizando neste momento — e que bem mostra que fecunda e bela foi a tua acção na vida, como homem, como pedagogo, como cidadão!

Esta romagem, simples mas enternecedora, representa as lições de civismo, de gratidão e de beleza que nos deste, que colhemos na nossa escola.

Esta romagem constitui uma das lições mais ternas que podemos transmitir e comunicar aos vindouros. E' a comedora lição de civismo que recebemos na nossa escola — e que lhes transmitimos.

Isto custa muito, bem o sabemos — mas ainda é o que enche a vida.

P.<sup>o</sup> Alfredo: sempre bendizemos a tua memória, que é o galardão dos justos. E porque foste justo, e bom e simples, com certeza nos olhas do céu, e do céu, como uma estrela, guias ainda os nossos surtos de pombas mensageiras, em revoadas.

Vai-se nos apagando a mocidade, é certo — mas nos nossos corações ainda há lume capaz de mostrar lições como a que hoje estamos dando, com muita ternura.

Tivemos um grande professor! Na vida se dá o que na escola se recebe, repito. E como da nossa escola recebemos grandes e amáveis lições, esta cerimónia que estamos celebrando, simples e humana, justifica as enternecidas lições de civismo e de beleza que da nossa escola recebemos.

Muitos dos nossos companheiros, que aqui deveriam estar, andam dispersos pelos caminhos da vida; outros os envolveu já a morte, no seu manto. Vai para todos a nossa comovida lembrança.

E eis tudo. Bendito seja, pois, o nome do ínclito varão que em sua vida terrena se chamou Alfredo João da Silva Correia, e que foi nosso saudoso e bondoso professor!

Por último, e em nome da família, o sr. Agrigio da Cunha Guimarães agradeceu aquela homenagem prestada à memória querida de seu tio Padre Alfredo.

das couves novas e das tronchudas dos lavradores... E afirma que a educação do espírito está na serenidade e no domínio do atirador, quando dispara!...

Ignorante e bárbaro!

Ora o sr. José do Campo intitula a sua crónica de «A Obcecação Fonte da Injustiça». Pelo que esvurma em prosa torcida, quase sem consento, fica-nos a impressão de que não sabe — pois não sabe — o que escreveu. Nós é que podemos acusá-lo de obcecação, como vamos provar.

O estilo do sr. José do Campo é duma pobreza franciscana. A' laia de intróito, divaga em tom filosofal, pretende emitir conceitos e afirmar um propósito doutrinário. Mas não chega lá: o bestunio é precário e cai irremediavelmente no ridículo.

Depois diz que «procuramos insensatamente criticar a descrição duma peregrinação a Fátima»; que «não encontrou as tais frases que o sr. João de Guimarães não se dignou transcrever»; que «reconhece que tudo é simples, natural e compreensivo»; que «tivemos medo que nos caísse sobre a cabeça a verdadeira justiça de quantos nos lessem»; que «tentamos amachucar o próximo, ocultando a veracidade das coisas» — e outros disparates de lapónio...

A verdade é que o «jornalista» de Cerzedelo, que o «jornalista» José do Campo pretende defender, só escreveu sandices. Não respeitou a gramática nem as «rectas directrizes» que preconizam. Nem teve em conta o respeito dos leitores nem o puritanismo do jornalzinho que de maneira incrível acolheu semelhante truance, o que é grave.

A falta de espaço inibe-nos de fazer uma análise, mesmo superficial, à crónica de viagem que é um mimo de prosa para o Zé lapónio — para gáudio de quantos nos lêem. Mas a tal frase — entre tantas que o seu espírito obcecado não notou, pois só encontrou naturalidade, simplicidade e compreensão onde há só despautérios — aqui vai ficar, para vergonha de quem a escreveu, de quem a publicou e de quem a defende:

«Os nossos motoristas que não tinham matado o bicho em casa começaram a reclamar e em Gaia, tivemos de parar para eles fazerem esta melindrosa operação. Tudo correu bem felizmente. Outros aproveitaram a paragem para mudar a água às azeitonas»... O grito é nosso.

Isto é execrando para quem quer que seja, de mediana cultura. Não o é, porém, para esses «jornalistas de meia-tigela»...

E' evidente o sentido pejorativo da expressão — repetimos: execrável — que o Zé do Campo, numa obcecação que atribui aos outros, não leu na sua cândida ingenuidade saloia...

Pobre Zé do Campo!

Que te sirva de bálsamo, «no recanto dessa aldeia, o suave aroma das flores campestres» e que te aqueça «o sol esplendoroso da verdade» — Zé do Campo! — que nós cá ficamos à espera de novas insolências para vos pôr esse canastro sem consento...

*Hiat voluntas tua.*

JOÃO DE GUIMARÃES.

### Dr. Moura Machado

Vai ser colocado no Liceu Alexandre Herculano, no Porto, o distinto Professor e nosso ilustre Contemporâneo e amigo, sr. Dr. José Maria de Moura Machado, a quem desejamos as maiores prosperidades.

## Centenário

Continuação da 1.<sup>a</sup> página

D. Maria II as chaves da vila, a quando da visita régia, ocasião em que a mesma foi elevada a cidade.

Frequentou preparatórios na Universidade de Coimbra, donde passou à Escola do Exército, iniciando então a sua carreira militar. Foi, mais tarde, General do Estado-Maior de Engenharia, de que se reformou e do que, apesar de tal, se demitiu da própria reforma depois da revolução de 5 de Outubro de 1910.

Foi Par do Reino, Oficial-Mor da Casa Real, Oficial às Ordens de El-Rei D. Luis e de El-Rei D. Carlos e secretário particular deste monarca, a quem dedicava a maior afeição e fidelidade. Soube mais tarde El-Rei mostrar-lhe a sua gratidão, concedendo-lhe o título de Conde de Arnoso.

Foi agraciado com as Comendas das Ordens de S. Tiago de Aviz, de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e de Isabel a Católica de Espanha. Grã-Cruz das Ordens de Afonso XII, do Mérito Militar, de Carlos III de Espanha, de tantas outras, nacionais e estrangeiras, que pelos seus grandes méritos mereceu.

Novo ainda, fez parte da Missão Diplomática a Pequim em 1887, motivando esta viagem o seu livro «Jornadas pelo Mundo». No cumprimento da sua missão, foi agraciado com a Grã-Cruz do Duplo Dragão (3.<sup>a</sup> divisão, 1.<sup>a</sup> classe) da China.

Juntamente com os maiores valores literários de então, fez parte do célebre grupo «Os Vencidos da Vida», onde a sua figura tinha predominante relevo.

Como brilhante escritor deixou-nos: — «Jornadas pelo Mundo» que, como foi dito, se baseia na sua viagem à China; «Azulejos», obra prefeccionada por Eça de Queiroz; «De Braço Dado» (em colaboração com o Conde de Sabugosa); «A Primeira Nuvem» (comédia) e «Suave Milagre» (drama extraído de um conto de Eça de Queiroz). Os seus discursos proferidos na Câmara dos Pares e hoje colectados por um seu filho, constituem também uma preciosíssima obra onde se pode notar o mais alto testemunho de quanto um homem pode ser grande em valor moral.

Ramalho Ortigão, no seu primoroso livro «As Últimas Farpas», escreve estas palavras na dedicatória que do mesmo faz o Conde de Arnoso: «...heróica personificação de amizade, espelho de fidalgo e de homens de bem, modelo de honra, de valor, de coerência e de fidelidade, lição dos seus contemporâneos, glória da sua raça»...

Sublime elogio por um eminente valor. Bastar-nos-á, sem dúvida, ler estas palavras para que logo tenhamos uma convicção segura da exemplar personalidade desse homem.

Mas a nossa observação pode ir mais além ainda; através da sua vida, nos seus mais diversos sectores, há factos que nos mostram o mais perfeito cumprimento do dever. Mas, sem dúvida, onde o seu carácter se revelou no mais alto expoente, foi quando, após o regicídio que ensanguentou a História Pátria, constante e inabalavelmente a sua voz se fazia ouvir, procurando fazer despertar no espírito de todos esse natural sentimento de justiça, que parecera então adormecer. Dão as nossas palavras lugar a uma página das «Últimas Farpas», onde Ramalho nos diz: «Em torno do pavoroso

atentado do 1.<sup>o</sup> de Fevereiro houve na imprensa e nas assembleias parlamentares um silêncio sinistro. Dor, espanto, ou desdém? Di-lo-á mais tarde a justiça da posteridade, a qual, longínquo mas incorruptível eco na terra da justiça de Deus, um dia designará a cada um o lugar que lhe coube na perpetração e cumplicidade deste crime. A mim, que na Câmara dos Pares do Reino ouvi uma única voz clamar justiça para o regicídio, a altiva, a intemerata, a quase espectral figura do nobre Conde de Arnoso, descarnado, pálido, rapidamente envelhecido, atingido já do mal de viver a que pouco depois tinha de sucumbir, pareceu-me ser então a única figura viva e em pé no meio de uma sociedade morta.»

Hoje, ao comemorarmos o centenário do seu nascimento, não podemos deixar, a par das homenagens que lhe prestemos, de meditar um pouco na sua exemplar vida.

Por diversos valores o homem ascende ou julga ascender a um lugar de superioridade, julgada ou verdadeiramente merecida. De todos, porém, um tem o maior primado, pois só ele pode conceder-lhe a mais nobre e dignificante das existências: é o valor moral.

Se na vida do Conde de Arnoso se podem observar os mais brilhantes passos, é todavia para a sua inflexibilidade de carácter, para o sentimento de honra que depois em todas as suas acções, para o cumprimento da palavra dada, para a fidelidade, para o amor e afeição aos mais nobres ideais, que nos devemos voltar, procurando, se quisermos levar uma existência verdadeiramente dignificante, aprender nele e em tantos outros que a posteridade venera, as qualidades morais, que tão insensatamente o mundo de hoje colocou num plano inferior.

A' memória do Conde de Arnoso, as nossas maiores homenagens de admiração e de respeito.

J. S. M.

Na capela da Casa do Proposto foi rezada no dia 27, ao meio dia, uma missa por alma do Conde de Arnoso, comemorando o 1.<sup>o</sup> centenário do nascimento deste ilustre Vimaranesense, que foi figura preciosa, tendo aquele acto registado uma numerosa e distinta assistência.

A missa foi mandada rezar pelo sobrinho do Conde de Arnoso, Sr. Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses (Paço de Nespereira), tendo vindo proposadamente representar a família o Sr. D. Jorge Pinheiro de Melo (Arnoso), neto do finado.

Também se fizeram representar a Sociedade Martins Sarmento, pelos Srs. Alberto Vieira Braga e Manuel Alves de Oliveira; o Sr. Carlos Hidalgo Loureiro, pelo Sr. Dr. Jorge da Costa Antunes; e o Sr. Visconde de Paço de Nespereira, pelo Sr. Dr. Gonçalo Peixoto de Bourbon (Lindoso).

Foi celebrante o rev. P.<sup>o</sup> Luís Gonzaga da Fonseca, Prior de S. Paio.

### EXAMES MÉDICOS na Subdelegação de Saúde

Devem comparecer na Subdelegação de Saúde deste concelho, para efeito de exame médico, e consequente passagem de boletins de sanidade os trabalhadores das indústrias e comércio de substâncias alimentares, pela ordem seguinte:

Em Junho — Trabalhadores da indústria de panificação, incluindo os distribuidores e vendedores de pão;

Em Julho — Pessoal de hotéis, pensões, hospedarias, restaurantes, casas de pasto, botequins, bars, tabernas, adegas, casas de comidas e bebidas, cafés, casas de chá, pastelarias, confeitarias, mercearias e vendedores ambulantes de bolos e gelados; pessoal de fábricas de refrigerantes, bem como de

## Teatro Jordão

HOJE, P'S 15 E P'S 21,30 HORAS

APRESENTA

### O Príncipe Estudante

com Ann Blyth, Edmund Purcom, John Ericson e a voz de Mário Lanza. Uma opereta famosa, um filme que será famoso.

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

TERÇA-FEIRA, 31--P'S 21,30 HORAS

### TRAIÇÃO

com Amedeo Nazzari, Gianna Maria Canale e Vittorio Gassman.

(Espectáculo para maiores de 18 anos)

QUINTA-FEIRA, 2--P'S 21,30 HORAS

### TORTURA DE UM PAI

com Fernando Soler, Matilde Palou e Rosário Granados.

Um verdadeiro monumento de arte, ternura e humanidade.

(Espectáculo para maiores de 18 anos)

SÁBADO, 4--P'S 21,30 HORAS

### Em Sessão Popular

### O INIMIGO SOLITÁRIO

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

### Soc. de Concertos "Moreira de Sá"

No dia 3 do próximo mês de Junho realiza-se, no Salão Nobre do Grémio do Comércio, o 4.<sup>o</sup> concerto desta temporada, em que serão apresentados os seguintes solistas: **Colette Croisé**, a jovem harpista francesa, primeiro prémio do Conservatório de Paris; **Henri Mouton**, violinista concertino; e **António de Meneses**, tenor diplomado pelo Conservatório de Milão.

Dada a categoria destes solistas, irão os sócios deste organismo cultural assistir a um extraordinário sarau de Arte.

## Factos e Impressões

(Continuação da 1.<sup>a</sup> página)

inconcebíveis ousadias contra os direitos dos outros. E' revoltante.

Pelo menos, cremos que já perdeu a mania de armar em mentor pacifista. Seria em mais...

Quando os actos desmentem as palavras...

### Gratidão

Um grupo de antigos alunos do P.<sup>o</sup> Alfredo João da Silva Correia prestou, no domingo, à memória do Mestre, uma homenagem de evocação e saudade.

Simpática iniciativa que muito honra os rapazes que a realizaram. Belo exemplo de gratidão.

Manter viva no espírito a recordação do primeiro professor, através dos anos que passaram e dos altos e baixos da vida, é revelar uma invulgar superioridade de sentimentos.

Nem sempre o turbilhão do mundo destrói a beleza desses sentimentos no afecto humano.

Assim o provaram os antigos alunos do P.<sup>o</sup> Alfredo Correia, que lá foram, ao seu túmulo, levar-lhe flores e orações e o perfume da saudade.

JOÃO DE GUIMARÃES.

### Urdidela mecânica

Precisa-se de uma urdidela mecânica em bom estado, de 2 metros de largura. Esta redacção informa. 281

### CASA NOVA VENDE-SE.

Informa Cromagem Camões — Rua de Camões, 51 — Póvoa de Varzim. 247

### Professor Particular

Diplomado — vai a casa dos alunos desde a 1.<sup>a</sup> classe à admissão dos Liceus e Escolas Técnicas, inclusivê, para leccionar e explicar — Na «Casa das Sementes», Largo 28 de Maio N.<sup>o</sup> 19 a 21, se informa.

### LOJA Ótima para arma-

zém, a 30 metros do correio. Aluga-se. Rua 5 de Outubro, 6. 277

cerveja, de sumos de frutos e de xaropes;

Em Agosto — Pessoal de moagem e fábricas de massas, de bolos, bolachas e biscoitos, de cacau e chocolate, de conservas de frutos e de gelo e gelados; pessoal de matadouros, talhos e salchicharias, depósitos de carne e peixe, depósitos de frassuras e tripas de todas as indústrias de preparação de carnes, incluindo as fábricas de conserva de carne e de peixe.

# OS PAÇOS DO CONCELHO

O povo de Guimarães mais uma vez evidenciou a nobreza da sua índole recebendo há dias o Presidente da República Brasileira com o entusiasmo e carinho que merecia o grande democrata que personificava a pátria irmã da nossa.

Mas recebeu-o na rua!  
O povo deste concelho não possui uma casa própria onde possa dar as boas vindas aos seus hóspedes de distinção; há tempos, quando o nosso Presidente da República, Sr. General Craveiro Lopes, nos honrou com a sua visita, os cumprimentos dos representantes de Guimarães tiveram de lhe ser apresentados na estação do caminho de ferro, revestida com enfeites de aluguer; agora, na recepção do Presidente do Brasil, que o nosso Chefe de Estado acompanhava, teve a Câmara de Guimarães de o acolher para as saudações oficiais do povo vimaranesense nas salas do antigo Paço dos Duques de Bragança, que não é nosso, que não é de Guimarães, e ainda por cima teve de ser armado com atavios de empréstimo.  
E' vexante.

Assumiu a presidência do nosso município um vimaranesense, que o é de verdade, pelas tradições de sua família, e pelo calor com que vem a demonstrar, desde há muito, querer ser útil à sua terra, procurando as posições em que melhor a possa servir.

O Sr. Dr. Castro Ferreira é uma esperança. Não haverá um único vimaranesense bairrista que não anseie por ver essa esperança justificada em realizações eficientes para o progresso que esta terra merece.

Diz-nos um jornal insuspeito desta cidade que os problemas de alto interesse para a conquista do lugar de relevo que a esta terra pertence, entre todas as terras portuguesas, «só não se solucionaram ainda por falta de quem, com tenacidade, saiba pôr, acima de tudo, os interesses vitais da nossa cidade e concelho».

E porque a nossa perseverança no combate por esta terra nunca esmorece, por mais e maiores que sejam as batalhas perdidas, queremos ter fé, e temo-la, na boa vontade, no ânimo generoso, na vitalidade moça do novo presidente, na sua ânsia louvável de se elevar, para ser grande. Ele não enteleirará ao lado dos seus antecessores, que, no conceito do «Comércio de Guimarães», não souberam pôr acima de tudo os interesses vitais da nossa cidade e concelho.

Mais uma oportunidade se nos oferece, pois, para voltarmos a tratar da questão do edifício dos Paços do Concelho, que é absolutamente indispensável e, agora mais do que nunca, urgente resolver definitivamente, a bem da cidade, a bem da arte, a bem do respeito pelos contribuintes que pagaram o muito que já está feito.

E não será desinteressante começar por uns ligeiríssimos comentários às efemérides mais impressionantes da obra, do seu início, da sua interrupção e das tentativas de destruição.

Foi em 8 de Agosto de 1924 que deliberou a Câmara dar execução imediata a diversos melhoramentos citadinos de um vasto plano de engrandecimento concelhio, que organizara e aprovava, entre os quais sobressaía o da construção de um grandioso e formosíssimo edifício para instalar os seus Paços do Concelho.

Nessa mesma data deliberou criar para execução desses melhoramentos um fundo especial que era constituído pelo produto do imposto de trabalho e das licenças de comércio e indústria, por uma derrama especial de 35 mil escudos anuais sobre as freguesias da Oliveira, S. Paio, S. Sebastião, Urgez, Creixomil, Azurém e Costa, e ainda por 40% do imposto *ad valorem*, que então existia, e 5% da receita total do município.

Iniciou-se, de facto, a construção do edifício, com o entusiasmo geral da população vimaranesense, que acorria constantemente ao local, no desejo intenso de ver erguerem-se as paredes sobre os formidáveis e custosos alicerces que a natureza do terreno e a imponentia do edifício exigiram.

E os trabalhos continuaram, procedendo-se à cobrança da derrama acima referida, desde Setembro de 1925 até ao ano económico de 1928/1929.

Em 16 de Maio de 1928, numa reunião a Câmara a que presidia o Dr. Gonçalo Meira, estando presentes os vereadores João Rodrigues Loureiro, Domingos Pereira Mendes, Francisco Alves e José Mendes Ribeiro Guimarães, foi deliberado, por proposta do presidente e com a aprovação unânime destes vereadores, revogar as resoluções tomadas pela Câmara em 8 de Agosto de 1924 pelas quais tinham sido criadas e estavam a ser cobradas, em certas freguesias, derramas para a construção do edifício dos

novos Paços do Concelho e seus anexos, bem como para o abastecimento de água nas Taipas, sob pretexto de serem ilegais.

Foi este o primeiro golpe com que se pretendeu e conseguiu embaraçar a marcha de uma obra que era o orgulho legítimo de todos os bons vimaranesenses.

Todavia, ela foi continuando, embora com desesperadora lentidão, pois em 15 de Julho de 1935 ainda se registava um pagamento a ela referente, que parece ter sido o último.

E é pouco depois desta data, em 12 de Setembro do mesmo ano de 1935, que surge um vimaranesense de boa vontade e admiráveis qualidades de trabalho, que pena é não tenham sido aproveitadas em tantas oportunidades que na situação política dominante se têm oferecido, o Sr. António Lopes de Carvalho, a propor, na Comissão Administrativa da Câmara de que então era vogal, o seguinte: 1.º — Que se tornasse extensiva a todas as freguesias do concelho a tal derrama considerada ilegal pela Câmara do Sr. Dr. Gonçalo Meira; 2.º — Que a percentagem da referida derrama se elevasse para 5, pois só assim se conseguiria uma receita consentânea com o desenvolvimento da obra a que se destinava (construção do edifício dos Paços do Concelho e conclusão da praça e avenidas adjacentes); 3.º — Que se comunicasse a sua proposta às Juntas de freguesia para efeito de *referendum*; 4.º — E que se estudassem em devido tempo as observações feitas pelas repartições superiores, a fim de se conseguir a comparticipação do Estado para as obras referidas.

Esta proposta, na ausência do presidente Dr. José Francisco dos Santos, foi aprovada por unanimidade pelos vogais que, além do proponente, estavam presentes e eram os seguintes: António José Pereira de Lima, que presidiu, o Dr. Américo Peixoto Caldas e Joaquim da Silva Ferreira Monteiro.

E' de justiça gravar bem na memória, como merecedores da gratidão vimaranesense, os nomes destes bairristas que nobremente souberam pôr a política de parte para só atenderem aos supremos interesses da terra que lhes competia servir; e, mais ainda do que qualquer dos outros, o de António Lopes de Carvalho, que era a terceira vez que, com a sua bem conhecida tenacidade, apresentava esta proposta, ficando assim para sempre ligada a sua pessoa à obra dos novos Paços do Concelho, como um dos seus mais estrénuos propulsores.

Em virtude desta deliberação, que foi aprovada pelas Juntas de freguesia, como se verificou na sessão de 24 de Outubro seguinte, a Câmara cobrou até 1939 a importância de 219.523\$80. Foi quanto produziu a derrama da proposta do Sr. Lopes de Carvalho.

O que se não sabe é se esse dinheiro teve a devida aplicação, porque não aparece nenhum pagamento referente às obras do edifício depois de 15 de Julho de 1935; apenas se descobre ter-se pago ao arquitecto Marques da Silva, em 1 de Fevereiro de 1937, a quantia de 1.851\$85 pelos seus serviços de direcção e fiscalização dessa obra.

Baldado e, porventura, traído, foi o esforço do Sr. Lopes de Carvalho, o que, porém, não lhe tira o mérito das suas honestas e bairristas intenções.

E, assim, tudo ficou parado e em silêncio, por parte das entidades oficiais, até fim do ano de 1951; é certo que o silêncio não foi total; na relação das obras projectadas pela Câmara para realização do biénio de 1948-1949 figurava «a demolição dos Paços do Concelho». Foi mesmo a notícia do projecto dessa obra de destruição que nos determinou a abrir a campanha a favor da conclusão do edifício, cujo primeiro artigo aqui publicado tem a data de 22 de Fevereiro de 1948.

Estamos, porém, a fazer a reza das efemérides de actos realizados e não nos interessam, no momento, projectos ou balões de ensaio.

Ora é justamente no dia 28 de Novembro de 1951, após 16 anos de inércia, que um vereador, o Sr. António Faria Martins, nascido de facto nesta cidade mas desejoso de se celebrar fosse como fosse, mesmo da maneira original de passar à história como bode expiatório (esta expressão é sua) da destruição da melhor obra de arte que jamais se projectara em Guimarães, propôs que fosse abandonada definitivamente a construção dos Paços do Concelho e se aproveitasse os materiais da demolição para outras construções. Era o Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha quem presidia a essa reunião e estavam presentes, além do vereador proponente, mais os seguintes: Dr. Carlos Augusto Saraiva de Carvalho Brandão, Manuel Alves de Oliveira, José Mendes Ribeiro Júnior, José Francisco Rosas Gui-

marães e Manuel João de Freitas Ribeiro de Faria. Todos unânimeamente aprovaram a proposta do colega Faria Martins, e a aplaudiram, segundo este afirma.

E' bom fixar os nomes destes inclitos vimaranesenses, pois partilharam por igual da glória do Sr. Faria Martins na sua ânsia destruidora.

Não ficou por aqui o Sr. Faria e tratou logo de submeter à apreciação da Comissão de Estética de Arte e Arqueologia uma proposta de arranjo da Praça do Município, como ele entendia que devia ficar depois de destruído o edifício.

Esta Comissão parece que não se entusiasma com o projecto do Sr. Martins, pois, em sua reunião de 22 de Janeiro de 1952, a que sómente assistiram os vogais Alfredo Guimarães e arquitecto José António Martins de Sequeira Braga, se limitou a emitir o parecer de que o projecto, como sugestão, era aceitável, mas que, quando se pensasse em realizá-lo, deveria ser convenientemente estudado o seu arranjo urbanístico, imprimindo-lhe a necessária austeridade e grandeza, pois só assim teria equilíbrio e harmonia com o majestoso pano de fundo que é o Paço dos Duques de Bragança. (Textual).

E, entretanto, em 30 de Abril do mesmo ano de 1952, era publicada a portaria, até aí, surda, de 24 de Novembro de 1951, pela qual era fixada uma área de protecção do Paço dos Duques de Bragança, cujo perímetro cuidadosamente incluída na zona vedada à construção, como se tivesse sido propositalmente delimitado para tal fim, o espaço onde se levanta a parte já construída dos novos Paços do Concelho.

Cabe aqui notar que a data da portaria, embora só publicada em 30 de Abril de 1952, é de 24 de Novembro de 1951, e foi em 28 de Novembro desse mesmo ano, isto é, quatro dias depois, que o vereador Faria Martins rompeu publicamente fogo contra o edifício dos Paços do Concelho, na Câmara de que fazia parte. Coincidência significativa.

E já em 15 de Setembro de 1951, 70 dias antes da célebre portaria, o Conselho Municipal aprovava as bases do orçamento ordinário de 1952, no qual se previa uma verba de 300 contos para a «demolição do edifício e despesas de urbanização», verba depois incluída no orçamento definitivo que a Câmara aprovou em 29 de Dezembro, ou seja, 35 dias depois da Portaria, como se tudo girasse ao seu redor, embora nessa altura ainda não tivesse saído no «Diário do Governo».

E' certo que pouca importância, lamentavelmente, ligam às rubricas das verbas orçamentais aqueles que as aprovam, tão acostumados estão à incerteza do destino que se lhes fixa; todavia, para completa e oportuna discriminação de responsabilidades, convém consignar que aprovaram a verba para a demolição do edifício, os vogais do Conselho Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Joaquim Correia Gonçalves, Severino Machado Ribeiro, Amadeu Guimarães, José de Oliveira Pinto, António Emílio da Costa Ribeiro, José Maria Pinto de Almeida e Manuel de Freitas Guimarães, e os vereadores Dr. Carlos Augusto Saraiva de Carvalho Brandão, Manuel Alves de Oliveira, António Faria Martins, José Mendes Ribeiro Júnior e Manuel João de Freitas Ribeiro de Faria.

E' provável que depois de todos estes arranjos, muito tivesse continuado a trabalhar, na sua missão destruidora, o vereador sr. Faria Martins, mas tudo, oficialmente, ficou quieto e mudo até que em 6 de Fevereiro de 1954, o presidente dr. Ferreira da Cunha dirigiu um officio à Direcção Geral dos Serviços de Urbanização a solicitar que o informassem sobre se o edifício dos Paços do Concelho estaria condenado pelo facto da sua situação dentro da área de protecção fixada na tal Portaria de 24 de Outubro de 1951, ou se poderia

ser encarada a possibilidade da continuação das obras. Justificava esta pergunta com a afirmação de que se oferecia no momento a oportunidade da Câmara empregar a pedra que resultasse da destruição em obras que ia realizar.

Cada vez se torna mais transparente a urdidura de todo este plano, a que servia de precioso ponto de apoio a famosa Portaria em tão boa hora conseguida.

Mas os resultados úteis continuaram a ser precários. Em 22 do mesmo mês, os Serviços de Urbanização limitavam-se a responder, ambigualmente, que «na realidade estava prevista a demolição do edifício indicado que fica dentro da zona *non aedificandi* de protecção aos Paços do Duque de Bragança».

E talvez por isso, a Câmara voltou à carga, deliberando, na sua reunião de 19 de Maio, a que assistiram os vereadores António Urgez dos Santos Simões, António Faria Martins e José Mendes Ribeiro Júnior, consultar a Direcção Geral de Administração Política e Civil sobre se o facto da parte já construída do edifício ter sido, no todo ou em parte, custeada pelo produto de uma derrama especialmente lançada para esse fim, seria motivo impeditivo de que seja demolida.

Esta consulta foi feita em 19 de Julho, em officio assinado pelo presidente dr. Ferreira da Cunha, que o fez acompanhar de uma extensa e bem preparada informação do chefe de secretaria dr. Gomes Alves, datada de 9 do mesmo mês, na qual este funcionário termina por emitir o parecer de que a Portaria de 29 de Novembro de 1951, que fixou a zona *non aedificandi* de protecção ao Paço dos Duques, não é aplicável ao caso especial do edifício dos Paços do Concelho, por não se tratar de uma obra de construção a iniciar ou de reconstrução, mas sim de *continuar* uma obra que está suspensa e que foi executada muito antes de ter sido definido o perímetro de protecção do Paço dos Duques, Igreja de S. Miguel e Castelo.

E' de notar e louvar este desasombroso parecer do mais elevado funcionário municipal, revelador de uma rara independência de carácter e de uma consciente e punitorosa individualidade, que não hesitou em, pelo respeito que a si próprio deve, remar contra a maré que lhe vinha do alto, assim como também não deixa de ser para admirar a simplicidade com que o presidente dr. Ferreira da Cunha o fez juntar ao seu officio de consulta.

E estamos a chegar ao fim. Depois disto, a Câmara, na sua reunião ordinária de 18 de Agosto, tomou conhecimento da resposta da Direcção Geral de Adm. Pol. e Civil à consulta de 19 de Julho. Essa resposta é eloquente, terminante e digna: «Nenhum preceito legal se opõe ao procedimento que a Câmara pretende adoptar de demolir o edifício dos novos Paços do Concelho». E mais nada acrescenta porque nada mais era preciso dizer.

A Câmara leu... e não sabemos se compreendeu. O que se sabe é que «tendo tomado conhecimento desta comunicação, deliberou proceder ao apeamento do edifício à medida que fosse necessitando da pedra para obras municipais».

Presidia o Eng.º António Rodrigo de Araújo Pinheiro e estavam presentes os vereadores António Urgez dos Santos Simões, António Faria Martins e José Francisco Rosas Guimarães.

Vai para 2.000 anos que o povo da Judeia também não percebeu; mas tinha por si a lei e a fé fanática de uma religião sentida e arreigada.

Há ainda um episódio triste, que foi o de alguém, de emboscada, enquanto um novo presidente se preparava para subir as escadas da Câmara onde ia para tomar posse do seu cargo, que estava vago, ter mandado atirar com uma das

frentes do edificio abaixo. Por se tratar de um caso mais para acção criminal do que para critica administrativa, melhor será nem sequer citar o nome do herói. Tanto mais que já não está em boas condições para continuar a fazer mal a Guimarães.

Terminada esta exposição de factos, longa mas necessária para completa elucidação do público e consequente apuramento de responsabilidades, chega-se a algumas conclusões, que também são muito interessantes. Tais como:

1.º — Verifica-se que não tem fundamento sério a atoarda que sempre se procurou propalar de que o edificio se não concluiu porque a isso se opunham os altos poderes do Estado.

Em tudo quanto fica exposto, e nada mais há de oficial e concreto, não se vislumbra qualquer intervenção superior da qual se possa inferir a interferência do Poder para que se proceda à destruição do edificio.

2.º — Averigua-se, pelo contrário, que é a Câmara que, por diversas vezes se dirige às instâncias superiores em manifestas tentativas de provocar uma ordem de demolição. E que

3.º — Essa ordem nunca veio; o máximo que se conseguiu ao cabo de tantos anos de esforços, foi a declaração, clara como água pura, de que não há preceito legal que se oponha ao procedimento que a Câmara pretende adoptar de demolir o edificio dos novos Paços do Concelho.

4.º — Não se descobre qualquer diligência que alguma vez tivesse sido feita pela Câmara e pedir ao Governo a comparticipação do Estado para a conclusão da obra. E mesmo que tal pedido alguma vez tivesse sido feito, — o que não é provável —, e não fosse atendido, — o que podia acontecer —, tal contrariedade nunca poderia constituir fundamento para desânimo ou desistência. A Câmara e o concelho de Guimarães podem perfeitamente com os encargos da construção, sem o auxilio do Estado.

Que é pois que fica de transcendental a opor-se à conclusão do edificio? A portaria de Protecção do edificio do Paço dos Duques? Nada vale; quem a fez como está pode desfazê-la como convier aos altos interesses deste concelho e da Arte; e já o disse alguém com competência administrativa que ela não é de aplicar a construções em curso, mas só a outras construções que se projectem.

Os poderes públicos? Estes já se pronunciaram de forma que só não pode ser compreendida por quem não quiser; disseram eles por intermédio do órgão competente que «não há preceito legal que se oponha ao procedimento que a Câmara pretende adoptar de demolir o edificio dos novos Paços do Concelho». Note-se bem: «ao procedimento que a Câmara pretende adoptar»; não é, portanto, ao procedimento que lhe tenha sido ordenado ou sugerido; percebe-se bem o propósito de lançar sobre a Câmara a responsabilidade exclusiva da destruição.

E quem é que se manifestou de forma a parecer que a Câmara pretende adoptar o procedimento de demolir o edificio? Das vinte individualidades que citamos, só sete não têm maneira de escapar a essa tremenda responsabilidade; são elas, pela ordem alfabética: António Faria Martins, Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Carlos Augusto Saraiva Carvalho Brandão, José Francisco Rosas Guimarães, José Mendes Ribeiro Júnior, Manuel Alves de Oliveira e Manuel João de Freitas Ribeiro de Faria.

Por grandes que sejam as suas virtudes, por muito desculpáveis que possam ser as necessidades, paixões ou caprichos que na sua actividade administrativa sobrelevaram o respeito que é devido à dignidade de um concelho cujos interesses lhes competia defender, não pode essa ínfima minoria constituir escolho intransponível que nos impeça de lutar pela conclusão dos Paços do Concelho de Guimarães.

O sr. dr. Castro Ferreira, actual presidente da Câmara, votou, como vogal que foi do Conselho Municipal, em 1952, as bases de um orçamento em que havia uma verba de 300 contos para a demolição do edificio e despesas de urbanização. Mas isto, por si só, não é bastante para o suspeitarmos de demolidor e nem mesmo chega a ser indicio seguro de uma vontade determinada por uma opinião definitiva; demolição vinha, na rubrica, diluída em despesas de urbanização, e prevenção num orçamento ordinário não implica necessariamente realização; tanto que o orçamento

caducou e nada se demoliu. Além disso, só não pode mudar de opiniões quem nunca as teve e a acção de um presidente da Câmara, que tem de atender a múltiplas circunstâncias de vária ordem, determinadas pelo interesse público, raras vezes poderá exactamente coincidir com o modo de ver, dependente do mero critério particular, de um simples membro de um conselho municipal.

Tem, pois, Guimarães, hoje, à sua frente, senhor dos seus destinos, um vimaranesense livre, que quer, com certeza, servir o concelho de maneira a ficar a merecer, para sempre, o louvor e a gratidão de todos os seus conceterrâneos. Em nome deste povo, que sabemos não nos desautorizará, daqui o exortamos a que se distinga dos seus antecessores, assumindo com a coragem, nobreza e independência própria de um homem culto, bairrista e sedento de glória, como tudo indica que o é, o mais brilhante, útil e honroso empreendimento que, na conjuntura presente, o pode engrandecer, engrandecendo esta terra que é sua e de todos nós! Acabe com a vergonha daquelas paredes que o desleixo tolheu e a maldade mutilou! Mas acabe construindo, não acabe demolindo. Para demolir não é preciso ser homem; basta ser massa.

E Guimarães quer que o seu novo presidente, além de um cérebro que pense, tenha um coração que sinta e uma alma que vibre.

Há dificuldades, hoje maiores do que antes, reconhecemo-lo, porque do trabalho de sapa de muitos anos, alguma coisa se foi acumulando que embarce e entorpeça e seja necessário começar por arrear. Mas não há nada que resista à firmeza de vontade quando temos a certeza do nosso direito e a consciência da nossa razão, quando sabemos que servimos uma causa justa e necessária; e neste caso, acresce que ela é gloriosa.

Os poderes públicos não se opõem, como até agora nunca se opuseram, apesar de tantas sugestões malévolas, à conclusão da obra. Os poderes públicos hão-de fazer tudo o que seja justo e legal para prestigiar o vimaranesense ilustre a quem confiaram o nobilíssimo encargo de presidir à Câmara Municipal de Guimarães, terra onde primeiro palpitou o coração de Portugal.

M.  
Notícias de Guimarães n.º 1221 - 29-5-1955

COMARCA DE GUIMARÃES  
Secretaria Judicial

ARREMAÇÃO  
1.ª publicação

No dia 18 do próximo mês de Junho, pelas 11 horas, no tribunal judicial desta comarca, vai à praça, afim de ser arrematado pelo maior preço oferecido acima do que adiante vai declarado, o prédio adiante mencionado, penhorado na execução requerida por António de Sousa, casado, industrial, da vila das Taipas, na acção sumária que moveu contra José Bernardino dos Santos e mulher Maria Soares Leite dos Santos, proprietários, moradores no lugar das Quintãs, freguesia de S. Martinho de Leitões, desta comarca:

PRÉDIO SITO NO LUGAR DAS QUINTÃS DE CIMA, FREGUESIA DE S. MARTINHO DE LEITÕES

Propriedade denominada das Quintãs de Cima, composta de dois corpos de edificio, com terrenos de horta e lavrários, e terras de mato, — formada pelos prédios descritos na Conservatória sob números 12.053, 32.860, 32.861, 24.629 e 24.630, e pelos prédios inscritos na matriz urbana sob o art.º 41 e na matriz rústica sob os artigos 378 e 450. Vai à praça pela quantia de 70.000\$00.

Guimarães, 19 de Maio de 1955.

O Juiz de Direito,  
Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe interino da 1.ª secção do 2.º Juízo,  
António de Castro Pereira.

**PHILCO**  
COMPANHIA DA PRIMAVERA  
7,3 Pés ESC. 9.800\$00  
Distribuidor  
**A. Gouveia**  
Em Exposição:  
A. Gouveia — Stands 3 e 4 — Av. Conde Margaride  
Electrolândia — Largo do Toural  
V.ª João C. Abreu — Largo João Franco  
GUIMARÃES

## DOS LIVROS Crônicas para maiores de 50 anos

«FEIA»

de ISaura CORREIA SANTOS.

A fecunda e brilhante autora do romance «Feia», continua a demonstrar nas criações de ficção um notável sentido conceptual de realismo.

Desde a urdidura ao desenho psicológico das personagens, a movimentação e com naturalidade, Isaura Correia Santos define, sem dúvida, um conceito de ficção, nas causas correspondentes à objectividade do realismo social e humano.

Consequência, positiva, do que é, do que acontece, no fulcro da vida. Conceito literário, portanto, do real. A ficção atinge, assim, aspectos surpreendentes e a capacidade imaginativa obedece a uma causa que a romancista não cria: descobre para a plasmagem na própria gênese.

Isaura Correia Santos, entre outras, tem uma faculdade primordial: sente e vive os problemas cruciais que se ligam ao drama humano, na fenomenologia mais complexa do nosso tempo. As suas obras são uma interpretação da realidade — e só desta maneira se prestígia, sinceramente, uma literatura.

Vera, figura principal de «Feia», é das personagens mais completas, digamos assim, que se pode encontrar em romances de ficção. Completa e verdadeira — porque vítima, como ela, da impunidade do crime que gera «filhos de pais incógnitos», encontramos-as, dia-a-dia, em toda a parte.

A Natureza fê-la vítima, ainda, da fealdade física, que foi para Vera a causa do drama da sua vida — o entrave à realização dos seus sonhos de amor, no mundo em que os atractivos espirituais, a cultura e as virtudes morais, que a enriqueciam, raras vezes prevalecem.

Mas a estoicidade com que suporta os reveses e os violentos vendavais que a esmagam, desde a morte da tia bondosa que sempre a amparou, fazem dela uma heroína, mais que uma resignada, quando tudo lhe é estranho e hostil.

Neste romance há uma figura antipática a quem atribuímos um insuperável equilíbrio psicológico e que podia ser admirável em qualquer grande romance de ficção: Ernestina.

Alguns diálogos atingem, mas sem exageros, intensidade dramática, na expressão e na naturalidade com que decorrem.

E quando tudo acabou para Vera, com o derruir das esperanças de amor e com a morte daquele que um dia esmagara o coração de sua mãe, que não chegou a conhecer, a estoicidade desta figura vai até ao sublime no diálogo reconfortante que estabelece com o retrato de Eleanor, no perfume e no encanto das rosas vermelhas...

E nesse momento patético Vera compreende a tragédia e a grandeza da vida e «o que é ter um coração que sente, vibra e sofre profundamente».

Isaura Correia Santos tem em «Feia» um dos seus melhores romances e, em Vera, uma das personagens mais verídicas do seu génio criador.

S. M.

A propósito do

«Auto de Frei Gualter»

A propósito da publicação do Auto de Frei Gualter, da autoria do nosso ilustre Colaborador sr. Jerónimo d'Almeida, receba aquele nosso estimado Amigo a seguinte carta do sr. Visconde de Cortegaça:

Sub-Portela  
— Viana do Castelo, 29-3-55.

Meu Ex.<sup>mo</sup> e Talentoso Amigo:

Esse lindo poema — Auto de Frei Gualter — é de um encanto e beleza pelo conjunto de primores que encerra, que nos deixa para sempre fascinados.

Os seus conceitos religiosos, patrióticos e morais, são de tal maneira maravilhosamente e suavemente expostos — como se fosse a querida irmã-água a brotar de límpida nascente — em tão doce música que, lídos e relidos, não me canso de o voltar a fazer para delícia do meu ouvido, da minha sensibilidade, da minha alma.

Bem haja quem, com tanta pureza, elevação de espírito e entranhado amor pátrio, sabe transmitir ao papel, na vernaculíssima fala lusitana, o alto pensar do seu fecundo e opulento cérebro.

Muitos parabéns. E muitos agradecimentos por me distinguir com um exemplar do seu formoso trabalho.

Admissão ao Magistério Primário

Curso com início até fim do corrente mês, dirigido por 2 professores com longa prática.

Preços módicos. Nesta redacção se informa. 270

Mas o «Passo» mais frequentado, e pela melhor sociedade, era o do Domingo à noite, depois da ceia, e da música do Jardim, que nessa temporada já tocava das 3 às 5 da tarde, como se contava nesse tempo, e precisamente no período destinado actualmente ao futebol.

As famílias mais chegadas emprasavam o encontro para o «Passo» e para o passeio que depois se seguia, por não haver ainda o cinema, nem andar tanta gente por fora no fim de semana.

Lá por essas 7 e meia, 8 horas, começava o Campo da Feira a animar-se com os grupos que se dirigiam à Igreja, se juntavam no caminho e faziam a sua entrada.

A porta o grande reposteiro vermelho com os atributos da Paixão, corrido até abaixo, e logo que se passava o guarda-vento éramos aguardados por dois Irmãos, de opas roxas, com a bandeja das esmolas, geralmente o Saigado e o José Pinheiro, solicitavam — «P'ra cera dos Santos Passos».

Lá tilintavam uns cobres dados pelos velhotes, que a rapaziada, seguindo à frente, reservava algum que tivesse para os rebuçados à saída.

O grupo dirigia-se logo para o altar do santíssimo, à direita, cheio de luzes até ao chão, e depois das orações seguia tudo para a Capela, ou camarim, em frente da sacristia, onde estava o Senhor dos Passos no seu andor.

Aí era mais recolhido o quadro, quase se andava em bicos de pés, e todos faziam a sua adoração no ambiente de flores e rosas, nas luzes discretas dos tocheiros, sobressaindo ao fundo a imagem torturada do Cristo gemendo sob o peso da sua Cruz.

Ladeado por dois mesários, os sr. João de Melo e João Gualdino Pereira, que ofereciam ao ósculo dos crentes as extremidades das cordas que amarravam o Senhor.

Na frente uma grande bandeja de prata para as oferendas dos que chegavam, os cobres, os tostões, e, quando caía tilintando uma moeda de «c'rôa», logo o sr. João de Melo, voltando-se um pouco, puxava uma corda que ia até à torre avisar o sineiro para um «repique» festivo e de agradecimento.

Resadas as orações, beijada a corda e lançada a esmola na bandeja, retirava o grupo para o corpo da Igreja para então se admirar o «Passo», ao qual se tinham lançado uns rápidos olhares ao passar.

Geralmente as pessoas mais idosas iam sentar-se nos dois renques de bancos que havia ao correr das paredes e dali apreciavam, juntando-se então as Famílias conhecidas, que aproveitavam para umas conversas cochichadas, cujo rumor se distinguia no rumor mais alto dos que comentavam o «Passo» — coisas de creadas, das modas, enfim os temas de sempre.

A rapaziada pequena ia logo até à grade para dali admirar o figurado, com os comentários das creadas muito compungidas com os martírios do Cristo, as dores de sua Mãe, e das santas mulheres que a acompanhavam, e as apreciações crueis e contundentes que dirigiam aos danados judeus — «Eh! excomungado! tens mesmo cara de quem bate na Mãe!» e outras semelhantes.

Eu, a sessenta anos de distância, ponho-me a evocar essas «caras excomungadas» e afinal não lhe acho tanta fealdade como a que lhes via nessa época, porque, nem as figuras eram grotescas, nem

ferozes, nem tinham nada que despertasse tal ódio, a não ser o papel que ali os armadores lhes fizeram representar.

Os soldados, que eram os mais visados, tinham um aspecto de boas pessoas, criaturas inofensivas, pacatos, bons chefes de família, que ali estavam no desempenho de uma missão de que os incumbiram, a fazer «um frete», com a insensibilidade do sofrimento do supliciado, que estava no espírito do tempo e perdurou quase até à nossa época, e no que se distinguia era na indumentária, mais ou menos futurista, que atribuíam à época de Cristo.

O que estou a procurar descrever do que era o «Passo» de outrora em muito pouco deve diferir do que sucede presentemente, parecendo-me até que só nos personagens visitantes haverá variação.

Visto e admirado o «Passo» saía-se e passava-se no renque de taboleiros das doceiras de cavacas e rebuçados, com a vela protegida com um cartucho de papel.

Os rebuçados custavam dez réis cada um e as cavacas eram pesadas nas balanças de dois pratos, tais como se usam agora nas romarias, de modo que a pesagem fosse um pouco generosa com o fiel fora do «ourinho», para o lado do freguês.

Os rebuçados vinham embrulhados em papel branco de franjas recortadas à tesoura e eram aí do tamanho de dez réis, louros, vidrados e duros, que nós chupávamos mudando-os de uma bochecha para a outra.

Então seguia-se o passeio pelas ruas da cidade nas noites de bom tempo, que me parece agora terem sido mais frequentes do que as deste tempo de catastróficos invernos, de primaveras agrestes, de verões ventosos e de outonos chuvosos.

O passeio seguia geralmente pela rua de S. Dâmaso, onde havia um tasco que me parece ainda existir no mesmo lugar, um pouco depois da esquina da Senhora da Guia, que sempre me ficou na memória, me acompanhou lá pela África e agora me lembro de o recordar, não me vá falhar ocasião de o citar.

Nunca entrei nele, nem mesmo sei a quem pertencia, mas o que se me vincou na memória foi um prato de sardinhas fritas, destas passadas em farinha de milho, daquelas grandes, não das «escorçadas», loiras e sobre o tostado, aí coisa de meia dúzia, um prato de aletria com a competente canela desenhada em grade, e um alguidar de postas de bacalhau, as «pestanas» e o lombo, prontas a ser cozinhadas, tudo sobre um banco à porta, a convidar o freguês.

Isto sob o ramo de loureiro e lá para dentro a esfumaçada loja com as mesas de pinho e ao fundo as pipas, as canadas de madeira e as canecas de «meias».

Como eu tantas vezes lá pelas planícies do Sul de Angola me recordei dessas sardinhas, dessa aletria e dessas postas de bacalhau, e quanto daria para as saborear com a respectiva borra e verdasco, com os garfos de ferro dos garfeiros de Sande! E isto só pode ser apreciado pelos que estão longe do sua terra.

Passava-se em S. Francisco pela fonte dos «Passarinhos» que, não sei porque razão, desapareceu no arranjo para pior da escadaria; o sr. Carvalho, da loja de fazendas, ainda tinha o estabelecimento aberto e jogava o xadrez com os seus amigos, às vezes de sociedade de conversa com o

## NO MEU CANTINHO

Bons enlevos tive eu no querido *Notícias*: reler o meu Garibaldi e olhar a bela foto do saudoso Homenageado.

Terça-feira, 24.

Aquele *vasioso*, que saiu no poemeto «Olhos Verdes», nem em dois dias consegui decifrá-lo. (E' no 12.º verso). São os 84 em marcha!...

GERESINO.

## APELO AOS LEITORES

Um pobre cego e tuberculoso, que mora na Praça de S. Tiago e uma infeliz cancerosa que reside no Largo do Ourado, pedem-nos para que os lembremos à generosidade dos nossos leitores, visto que se encontram em situação afliativa e sem nenhuns recursos.

Aos nossos leitores damos conta, assim, do pedido que nos é feito.

Qualquer donativo pode ser entregue na nossa redacção ou directamente aos próprios.

## FAUSTO ARAÚJO

MÉDICO

DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas: 5.<sup>as</sup>, das 15,30 às 18 horas, e 6.<sup>as</sup> e sábados, das 9 às 12 horas.

Rua de Santo António, 15-1.º

Telefone 4175 177

GUIMARÃES

## BICICLETA MOTORIZADA

MAGNEET

A última palavra em ciclomotores

Equipada com motor SACHS

238 T. Mendes Simões

Av. C. de Margaride — Stand n.º 2

vizinho Alves Mendes, farmacêutico.

Seguia-se o «Correio» num rés-do-chão de duas janelas de peitoril e uma porta que dava para o corredor, onde duas janelinhas serviam para atender o público, o que tudo corresponde ao actual átrio do «Correio» da rua de Santo António.

Ali o Tomás d'Aquino dirigia o serviço, vendia por vezes selos e postais aos conhecidos, e o carteiro Fonseca enchia a mala das cartas para distribuir nas casas da sua área, tendo uma jeiteira especial para entregar as dos namorados.

O comércio só fechava lá para as 9 horas e tudo por ali fora estava a funcionar com as portas abertas, excepto o Hotel Avenida, do José Maria, que tinha as portadas do «café», de vidros foscos, cerradas para sossego dos clientes, pois não era muito recomendável a frequência dos «cafés» depois do pôr do sol, nesse tempo em que toda a gente se deitava com «as galinhas».

E mais adiante a chapelaria Lemos, que tinha como emblema uma cartola, que no dia do «magusto» era desaparecida para os estudantes não terem trabalho de a levar para a cabeça do Afonso Henriques.

Era a revista das «vitrines» das lojas de modas, das novidades de primavera, os comentários dos chapéus de plumas de avestruz, de pássaros e flores, das fazendas de boa lã e seda natural, dos veludos e dos vidrilhos, das boas meias de «Fio de Escócia», as antepassadas desse mágica trama de «vidro».

E seguia pacatamente o passeio até se desfazer o grupo, uns aqui, outros mais adiante, para a «deita», que nesse tempo para a rapaziada andava pelas 10 da noite.

Jugueiros-Felgueiras. Continua

A. DE QUADROS FLORES.

HAVAS

QUANDO O TRABALHO COMEÇA E QUANDO ACABA



No grande relógio do Tempo a chavena do café, tomado no bulício ou na intimidade, marca um instante apetecido em que o espírito se distende. Um estimulante que revigora, um bom café da «Brasileira» dá sabor à vida. Gostoso e aromático, há meio século que é apreciado pelos conhecedores.

O MELHOR CAFÉ É O DE  
**A BRASILEIRA**  
TELES & CIA, LDA.  
RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 61-91-1.º PORTO

ENVIAR-SE PARA TODA A PARTE

Câmara Municipal de Guimarães

EDITAL

Doutor José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães:

FAZ PÚBLICO, em cumprimento da deliberação tomada em reunião ordinária de 27 de Abril do corrente ano, que os proprietários dos prédios sítos dentro da área da Cidade, nas Vilas de Vizela e Caldas das Taipas e povoação do Pevidém, devem, no prazo de 60 dias, a partir de 15 de Maio corrente — tendo dispensa de requerimento de licença para efeito do determinado nos artigos 78.º e 80.º do Código de Posturas Municipais — proceder à beneficiação, limpeza, pintura e caiação dos prédios (incluindo portas, janelas, calções, muros, grades, etc., sob pena das multas estabelecidas).

As cores a aplicar nas caiações e pinturas, na área da cidade, deverão ser indicadas, por escrito, em papel comum, à Repartição de Obras da Câmara, para efeito da sua aprovação, sem o que incorrerão nas penalidades do art.º 10.º do Código de Posturas Municipais.

E para constar e não haver ignorância, se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

E eu, Gaspar Gomes Alves, chefe da Secretaria, o subcrevi.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 11 de Maio de 1955.

O Presidente da Câmara Municipal, 276

José Maria Pereira de Castro Ferreira.

## ANÚNCIO

Alberto da Cunha e Silva, residente na rua dos Remédios n.º 3, Lisboa, pretende proceder às obras de ampliação no seu prédio sito no lugar da Estrada, freguesia de Gonça, deste concelho, aceitando propostas por escrito em casa do sr. Francisco Pereira da Silva Quintas, aonde se encontra o respectivo caderno de encargos, para ser consultado.

**CASA** sita na rua de Vila Flor, 23, vende-se. Aceitam-se propostas. Falar com Domingos Ferreira, Conservatória do Registo Predial. 246

BRITO & GOMES, LIMITADA

Com Sede na Vila de Vizela  
Concelho de Guimarães

Faz-se público que, por escritura de 5 de Fevereiro de 1955, lavrada por mim notário, a folhas 71 verso do meu livro de notas n.º 491, Justino da Silva Gomes, casado, industrial, morador em Vila Nova de Gaia, dividiu a sua quota de 275.000\$90, em três, duas de 90.750\$00 e outra de 93.500\$00 que tem na sociedade acima referida.

Que, pela mesma escritura, aquele Justino da Silva Gomes, fez cessão da quota de 90.750\$00 ao sócio Flávio de Faria, de outra quota de 90.750\$00 ao sócio José António Freitas de Faria e da quota de 93.500\$00 ao sócio Manuel João de Freitas Ribeiro de Faria.

Secretaria Notarial de Guimarães, 16 de Fevereiro de 1955.

O Notário, 274

a) Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

Brito & Gomes, L.<sup>da</sup>

Com Sede na Vila de Vizela  
Concelho de Guimarães

Por escritura de 7 de Fevereiro de 1952, lavrada no Cartório Notarial de Felgueiras, foi reforçado com 450.000\$00 o capital social da sociedade por cotas, com sede na vila de Vizela, concelho de Guimarães, «Brito & Gomes, L.<sup>da</sup>», ficando as cotas de cada um dos quatro sócios a ser de 275.000\$00, e passando o art.º 3.º do pacto social a ter a seguinte redacção:

ARTIGO TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado e representado pelos valores do activo, é constituído por quatro cotas iguais de duzentos e setenta e cinco mil escudos cada uma, e assim no total de um milhão e cem mil escudos.

Felgueiras, 24 de Março de 1952.

O Ajudante do Cartório,

285 Artur de Carvalho.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

Óptimo terreno para construção no Pevidém. Vende-se em talhões de diversas superfícies. Falar a Armando Martins, Rua da Rainha, 132. 281

# da cidade

## Boletim Elegante

### Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:  
 No dia 23 o nosso prezado amigo sr. Joaquim Larangeiro dos Reis; no dia 24 a sr.ª dr.ª D. Maria da Conceição Oliveira Mota Santos, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. Manuel Francisco Pinto dos Santos; no dia 26, o nosso prezado amigo e conceituado comerciante sr. Manuel de Almeida Barreira; no dia 27, a esposa do nosso bom amigo sr. António Ribeiro Ferreira Caldas, de Sande; no dia 1 de Junho, a sr.ª D. Francisca da Fonseca Cardoso e os nossos prezados amigos srs. Joaquim Oliveira Bastos, José F. Nunes, Vicente Ferreira e Rafael José Ferreira de Carvalho; no dia 2, o nosso bom amigo sr. José Manuel Loureiro Moreira e a sr.ª D. Angelina Caetano de Almeida Canedo, do Porto, e o menino Tomás Emilio Machado Fernandes, filho do nosso amigo sr. António Fernandes, de Cei-xomil; no dia 3, os nossos amigos srs. Diamantino Augusto Soares Mourão, João Alberto Pimenta e João António Queiroz Castro; no dia 4, o também nosso bom amigo sr. Henrique Correia Gomes.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 2 de Junho completa duas risonhas primaveras o menino Carlos Jorge, filho do nosso bom amigo sr. João de Oliveira Coutinho e de sua esposa. Parabéns.

Completo no dia 27, 7 primaveras o menino Alcino Maria, filho do nosso bom amigo sr. Alcino de Carvalho Machado e de sua esposa. Parabéns.

### CASAMENTOS

Na Capela da Casa da Bela Vista, propriedade do pai da noiva, em Atim, freguesia de Infias, consorciaram-se, no dia 21, a sr.ª D. Maria Esperança Alves da Cunha Guimarães, filha do sr. Alfredo Inácio da Cunha Guimarães e da sr.ª D. Cecília Alves Guimarães, já falecida, e o sr. Jorge António Sequeira Neves, filho do sr. António Neves e da sr.ª D. Maria Lydia Sequeira Neves, tendo testemunhado o acto, por parte da noiva, sua irmã a sr.ª D. Maria Cecília Alves da Cunha Varela e cunhado o sr. Guilherme Varela, e por parte do noivo, seus pais.

Conduziu as alianças a menina Maria Jacinta Alves da Cunha Varela, sobrinha da noiva, e serviu de caudatária a menina Maria Fernanda Pimenta Neves, sobrinha do noivo.

Foi celebrante o reverendo pároco de Infias, tendo dirigido uma alocução aos noivos o reverendo Prior de S. Paio, sr. P.º Luis Gonzaga da Fonseca.

No final e na casa do pai do noivo, foi servido a todos os convidados um delicado copo d'água.

Aos noivos, desejamos as maiores venturas.

No Santuário Eucarístico da Penha, consorciaram-se, no dia 21, a menina Camila Ribeiro da Cunha, filha do industrial sr. José Salgado da Cunha e da sr.ª D. Glória Ribeiro, e o sr. Eduardo da Costa Rodrigues Cardoso, filho do sr. António Rodrigues Cardoso e da sr.ª D. Ana Ferreira de Araújo, tendo presidido ao acto o rev. João Baptista Ferreira, pároco de Barreiros, Amares.

Assistiram numerosos convidados, aos quais, no final, foi oferecido um primoroso almoço.

Aos noivos, desejamos as maiores venturas.

### Nascimentos

Numa Casa de Saúde do Porto, nasceu há dias uma menina, filha da sr.ª D. Maria Ana Luzano de Quadros Flores e do sr. Eng.º António José Carneiro de Quadros Flores, neta paterna do sr. Coronel António de Quadros Flores, nosso distinto colaborador e de sua esposa. Os nossos parabéns.

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso bom amigo sr. Armindo Maria Fernandes. Mãe e filha estão bem. Parabéns.

### Baptizado

No dia 21 e na igreja paroquial de S. Jorge de Selho, Pevidém, o Rev.º Bispo de Angra do Heroísmo Senhor D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães, baptizou um menino, filho de seu sobrinho o sr. Armindo da Cunha Guimarães e de sua esposa a sr.ª D. Maria Adelaide Monteiro de Meira Vieira Ramos Guimarães, a quem foi dado o nome de João Fernando. Foram padrinhos o tio materno

# VITICULTORES

## As disponibilidades de SULFATO DE COBRE C. U. F.

são mais que suficientes PARA GARANTIR O ABASTECIMENTO COMPLETO DO MERCADO.

NÃO RECEIEM, POIS, QUE HAJA FALTAS DE SULFATO DE COBRE, visto que a COMPANHIA UNIÃO FABRIL, sempre atenta às necessidades da Lavoura, SATISFAZ SEM DEMORA TODAS AS ENCOMENDAS.

Mas porque, entre a fábrica e o destino, as mercadorias levam tempo a ser transportadas, aconselhamos os viticultores a FAZEREM IMEDIATAMENTE AS SUAS ENCOMENDAS, CONTANDO COM O SEU CONSUMO ATÉ FINAL DOS TRATAMENTOS, tanto mais que

o sulfato de cobre CUF é o mais barato do mundo e continua a vender-se a preço inferior ao do custo das novas produções.

## COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA PORTO  
 Rua do Comércio, 49 Rua Sá da Bandeira, 84

sr. dr. Fernando Monteiro de Meira Vieira Ramos, advogado do Porto, e a prima paterna sr.ª D. Maria de Lourdes Guimarães de Vasconcelos, residente na Póvoa de Varzim.

### Partidas e chegadas

Deputado Cap. Magalhães Couto — Regressou, com sua esposa, de Lisboa, o nosso ilustre conterrâneo e Amigo sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, Deputado da Nação.

Das termas de Monfortinho, onde esteve em tratamento, regressou à sua Diocese da Guarda, o Rev.º Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, nosso ilustre conterrâneo.

Parte dentro de breves dias para Africa, em visita às Missões dos Beneditinos, tendo estado na semana finda nesta cidade, o Venerando Dom Abade de Singeverga, Rev.º Senhor D. Gabriel de Sousa.

A tomar parte numa reunião de engenheiros, parte na próxima semana para o estrangeiro o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Eng.º Helder Rocha.

Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Maria Machado Vaz.

Deram-nos o prazer de sua visita os nossos bons amigos srs. A. L. de Carvalho, nosso ilustre colaborador, e José Joaquim Gonçalves de Oliveira, do Porto.

Depois de ausente no Brasil durante 16 anos, chegou há dias a Lisboa, a caminho de Espanha, de onde regressará em breve, sendo esperado nesta cidade de visita a sua família, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. João Larangeiro dos Reis, que após curta demora entre nós regressará ao Rio de Janeiro.

Encontra-se em Viana do Castelo, a tratar da organização de um número especial de «O Século», dedicado àquele distrito e, de passagem, esteve nesta cidade, o nosso prezado e distinto camarada sr. Barbosa de Andrade, a quem cumprimentamos.

Partiram para França e Inglaterra os nossos bons amigos srs. José Machado Teixeira, acompanhado de sua esposa, e Carlos Machado Teixeira, sócios da Fábrica de Pentes do Ribeirinho.

Com sua esposa esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso bom amigo sr. Augusto Joaquim da Silva Guimarães.

Esteve nesta cidade e deu-nos o grato prazer de sua visita o nosso querido amigo sr. dr. Maximiano Pinto de Simões.

Acompanhado de sua esposa partiu para a Alemanha, em pas-

seio, o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

### Doentes

Recolheu a um quarto particular do Hospital da Ordem do Carmo, no Porto, a fim de submeter-se a uma intervenção cirúrgica, a sr.ª D. Fernanda Loureiro Moreira, esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães.

Tem passado doente o nosso prezado amigo e conceituado comerciante local sr. Paulino de Magalhães.

Esteve ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. João Leite Coelho de Lima, estimado industrial em Pevidém.

Tem passado bastante doente o distinto clínico sr. dr. Joaquim Luciano de Oliveira Torres.

Esteve incomodado o nosso prezado amigo e ilustre clínico sr. dr. João António de Almeida.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

### Falec. e Sufrágios

Belmirô dos Santos Martins  
 Missa do 1.º aniversário

Passando no próximo domingo, 5 de Junho, o 1.º aniversário do falecimento deste saudoso indus-



trial, serão rezadas missas, mandadas celebrar pela família e em sufrágio da sua alma, às 9 horas, no templo de S. Francisco e, às 9,30 horas, na paroquial de S. Romão de Mesão Frio, em cuja freguesia está sepultado.

## Para maior glória de Guimarães

(Continuação da 1.ª página)

assumem a orientação e governo de um Museu, levam a sua natural paixão a transformar esses Museus em galerias de preciosidades de valor artístico e histórico, mas sem o sugestivo encanto daqueles outros que se distinguem pela sua especialização, quero dizer, por uma faceta específica, selecta sem mistura. Deste modo, os objectos expostos avultam — tal como aqueles que, emoldurados dentro de um templo, nos despertam apenas ideias de arte religiosa.

Seja, pois, o Museu a criar no Paço Ducal, um daqueles que mais profundamente nos desperte ideias de sentido nacionalista.

Guarneçam-se as paredes do grandioso edificio de telas que, como as tapeçarias de Pastrana, são, por si só, lições de história onde Portugal falando-nos dos seus reis, não põem de parte a Grei — os lutadores da bésta e da lança, a pionagem intemerata que, após a luta armada, voltava ao ganjeio dos campos, ao labor das oficinas, contente de se dar ao sacrifício das batalhas, pela grandeza da Pátria.

E porque tudo nos indica a boa, a segura marcha da efectivação de um Museu a criar no Paço Ducal, louvores ergamos a quantos impulsivem esta bela e grandiosa ideia, a qual, servindo a Nação, simultaneamente serve a nossa Terra.

A. L. DE CARVALHO.

Notícias de Guimarães n.º 1221--29-5-1955



COMARCA DE GUIMARAES  
 Secretaria Judicial

## ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 18 de Junho próximo por 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória vindos do Terceiro Juiz Cível da Comarca do Porto e extraidos dos autos de execução sumária que Damião Ferreira Rosas, solteiro, maior, industrial, de Gondomar, da comarca do Porto, move contra D. Maria da Luz Correia da Silva Guimarães e marido António Gonçalves Guimarães, proprietários, de São João de Ponte, desta comarca, hão-de ser postos em praça pela Primeira vez, para serem arrematados pelo maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, os seguintes prédios penhorados àqueles executados:

**Primeiro**  
 Deveva do Outeiro ou do Castanheiro, descrita na Conservatória do Registo Predial de Guimarães sob o n.º 6.185 e Deveva de Lamas, descrita na mesma Conservatória sob o n.º 8.551, ambas inscritas na respectiva matriz sob o art.º 1.480, que serão postas em praça conjuntamente com o valor global matricial de 660\$00;

**Segundo**  
 Sorte de Mato denominada do Monte de Além da Ponte, descrita na mesma Conservatória sob o n.º 6.193 e inscrita na respectiva matriz sob o art.º 1.466, que é posta em praça pelo valor matricial de 330\$00;

**Terceiro**  
 Sorte de mato da Escorregadoura, descrita na mesma Conservatória sob o n.º 6.194 e inscrita na respectiva matriz sob o art.º 1.262, que é posta em praça pelo seu valor matricial de 22.620\$00;

**Quarto**  
 Assento do Casal, composto de casas, com lojas, cortes, barras, alpendre, eira, Campo da Porta e uma deveva, descrito na mesma Conservatória sob o n.º 8.532 e inscrito na matriz urbana sob o art.º 179, que é posto em praça pelo seu valor matricial de 13.344\$00;

**Quinto**  
 Leira de Gosmanhido, descrita na mesma Conservatória sob o n.º 8.541 e inscrita na respectiva matriz sob o art.º 1.264, que será posta em praça pelo valor matricial de 1.230\$00;

**Sexto**  
 Leira na Agra de Gosmanhido, descrita na mesma Conservatória sob o n.º 8.542 e inscrita na respectiva matriz sob os art.º 1.265 e 1.266, que é posta em praça pelo valor matricial de 13.260\$00;

**Sétimo**  
 Campo de Almoinha, descrito na mesma Conservatória sob o n.º 8.545 e inscrita na respectiva matriz sob o art.º 1.268, que é posta em praça pelo valor matricial de 10.020\$00;

**Oitavo**  
 Campo da Bouça de Novais, descrito na referida Conservatória sob o n.º 8.546 e inscrito na respectiva matriz sob o art.º 1.365, que é posta em praça pelo valor matricial de 3.990\$00;

**Nono**  
 Leira de Novais, descrita na mesma Conservatória sob o n.º 8.547 e inscrita na respectiva matriz sob o art.º 1.371, que será posta em praça pelo valor matricial de 30.990\$00;

**Décimo**  
 Campo da Boucinha, com casas, terreas, eira, alpendre e horta, descrito na mesma Conservatória sob o n.º 8.548 e inscrito na respectiva matriz sob o art.º 1.410, que é posto em praça pelo valor matricial de 330\$00;

**Décimo Primeiro**  
 Campo de Sabanheira, descrito na mesma Conservatória sob o n.º 8.549 e inscrito na respectiva matriz sob o art.º 1.458, que é posto em praça pelo valor matricial de 510\$00;

**Décimo Segundo**  
 Leira de Lamas, descrita na mesma Conservatória sob o n.º 8.550 e inscrito na respectiva matriz sob os art.º 1.460 e 1.461, que é posto em praça pelo valor matricial de 1.530\$00;

**Décimo Terceiro**  
 Sorte de Mato do Padrão, descrita na mesma Conservatória sob o n.º 8.552 e inscrita na respectiva matriz sob o art.º 1.469, que é posta em praça pelo valor matricial de 540\$00;

Todos estes prédios são situados na freguesia de São João de Ponte, desta comarca e deles é usufrutuária vitalícia MARIA DA LUZ, viúva de Francisco da Silva Guimarães, residente na Rua de D. João I, desta cidade de Guimarães. Se os aludidos prédios não forem arrematados na primeira praça, serão postos em praça pela segunda vez, na qual entrarão por metade dos valores com que entram na primeira.

Guimarães, 25 de Maio de 1955.  
 O Chefe da Secção,  
 Alberto Fernandes Carreira.  
 Verifiquei.  
 O Juiz de Direito,  
 Carlos Maria Afonso de Castro.

**CASA COM QUINTAL**  
 ou pequena propriedade, próximo das Taipas ou arredores de Guimarães, COMPRA-SE. Camisaria Martins. 280

**Cobrador** novo, ainda colocado e dando todas as garantias, oferecendo-se para trabalhar dentro da cidade. Também possui alguns conhecimentos de serviços de escritório. Carta a este jornal às iniciais J. S. F. 281

# DESPORTO

## Duas reuniões na sede do Vitória para emprender a sua revalorização

A Direcção do Vitória, compreendendo o momento que o Clube vive, iniciou as demarques necessárias a possibilitar à agremiação que dirige aquela vida que está dentro das suas gloriosas tradições. Não foram atacados pelo desânimo os Directores do Clube, apesar da hora incerta que o mesmo atravessa. Não esperaram sequer a resolução definitiva do inquérito que continua a decorrer a propósito do jogo Boavista-Porto. Seja qual for o seu resultado, fique ou não fique devidamente esclarecido o seu decorrer, o que é certo é que o Vitória tem de continuar a ser a colectividade que maior número de vezes faz soar o nome de Guimarães, respeitosamente e com admiração, por todo o País.

Assim os Dirigentes do nosso primeiro Clube reuniram na sua sede um grupo de vimearanenses e associados da colectividade para com eles trocarem impressões e escolherem a maneira mais eficiente de resolver os seus problemas. Gostosamente os Directores tiveram a satisfação de ver bem correspondido o seu apelo e as pessoas convidadas acorreram em grande número, tendo algumas, que os seus afazeres obrigaram a faltar, dado pelo telefone a sua incondicional adesão. Deste modo, depois do Sr. Dr. Mota Prego de Faria, presidente do Clube, ter agradecido a comparência dos convidados, expôs com clareza a situação do Clube, as dificuldades económicas que o afligem e o desejo de as vencer, indo assim de encontro aos anseios de todos os bons vimearanenses. Trocadas impressões entre todos os presentes e analisadas várias propostas para resolver o assunto, tendo existido permanentemente unidade de vistas, ficou resolvido que uma grande Comissão, constituída pela Direcção do Clube e várias individualidades vimearanenses, iniciasse uma subscrição pública para resolver o problema da aquisição de jogadores, que rejuvenesçam e reforcem devidamente as equipas do Clube e, simultaneamente, angariasse um número de sócios que pudesse permitir ao Clube vida desafogada.

A esta reunião, que se realizou na passada segunda-feira, outra se seguiu no dia seguinte com a presença dos representantes da Imorensa local e correspondentes dos jornais diários e desportivos. Novamente o presidente do Clube, que recebeu os jornalistas, expôs a estes as razões que levaram a Direcção do Vitória a estas reuniões, não deixando de enaltecer os favores que o Clube deve à imprensa e afirmar que sómente com a sua ajuda a campanha a emprender poderia alcançar os fins que tem em vista. O Sr. Dr. Mota Prego de Faria contou então o que se tinha passado na reunião do dia anterior, dizendo a satisfação que sentia pela adesão das pessoas que à mesma tinham assistido. Não deixou de frisar — pedindo mesmo para que ao caso nos referíssemos — que a subscrição a levar a efeito só tem o fim de alcançar fundos para adquirir jogadores e não outro qualquer. As dificuldades económicas do Clube seriam vencidas, embora lentamente, com as receitas normais da agremiação e o que se pretendia

era só não as aumentar mais e recuperar a situação desportiva de destaque que é das tradições do Vitória.

Em seguida entregou à Imprensa um comunicado, onde se expressava concretamente a campanha a fazer, o qual transcrevemos em seguida:

*A Direcção do Vitória Sport Clube tendo reunido com um conjunto de pessoas das mais prestigiosas do concelho de Guimarães e dedicados vitorianos, srs. Albano M. Coelho de Lima, Comendador Alberto Pimenta Machado, Antero Enríques da Silva, António Cardoso Rodrigues, eng.º António Rodrigo de Araújo Pinheiro, António Urges dos Santos Simões, Bernardino Alves Marinho, Fernando da Costa Setas, Isac Ferreira de Oliveira, João André, João Teixeira, Joaquim de Sousa Oliveira, dr. Jorge da Costa Antunes, José Rodrigues Guimarães e José Torcato Ribeiro Júnior, pôde, com o que muito se congratula, estabelecer as bases firmes duma eficaz campanha no sentido de se proceder à revolarização do Clube e das suas equipas, baseando na situação difícil que atravessa, o ponto da partida para uma nova era de prestígio e engrandecimento, que todos os desportistas vimearanenses devem auxiliar. Assim, considerando o que significa para o engrandecimento do desporto local o apelo notável, que representará a efectivação do mais arregado dos anseios de todos os vitorianos, a próxima construção do Estádio Municipal que a Ex.ª Câmara, nesta hora difícil não negou ao Clube, formou-se uma grande Comissão de angariação de fundos, constituída em conjunto pelas digníssimas Entidades acima referidas e pela Direcção deste Clube, que já esta semana vai iniciar as suas actividades, percorrendo casa por casa, todo o concelho com a certeza firme e antecipada que ninguém negará ao Vitória o auxílio que mais do que em qualquer outra ocasião este Clube agora necessita.*

*O bom êxito desta iniciativa, por seguro apoio e plena compreensão de todos, garantirá ao Clube melhores dias e aquelas glórias que constituem aspiração de todos os fervorosos filhos da Terra Berço da Nacionalidade.*

A Direcção.

Saimos da sede do Vitória absolutamente convencidos de que a colectividade vai vencer esta sua hora difícil. Para isso não é preciso mais de que todos os vimearanenses se compenemrem do momento e não regateiem o seu auxílio a uma Instituição que é daquelas que mais prestígio tem dado à nossa Terra.

Pode a Direcção do Vitória contar, como desde sempre, com o nosso incondicional apoio e, sempre também que a oportunidade nos permita, não deixaremos de aqui chamar a atenção de todos para o auxílio de que o Vitória é merecedor.

## TAÇA DE HONRA de Hoquei em Patins

Ficou jogada a segunda jornada da poule final deste torneio, com os resultados seguintes: Vitória, 3-Famalicense, 3, e Sporting de Braga, 5-Vianense, 2. Assim o clube vimearanense é, no momento em que escrevemos, o favorito da competição. Invenível até esta data, tem no encontro decisivo que falta realizar — e que se disputa no Rink da Amorosa — todas as possibilidades do seu lado. Quando se lerem estas palavras já o assunto se encontrará resolvido e cremos da melhor maneira para os vimearanenses. Que assim aconteça...

A Vitória dos bracarenenses sobre os campeões regionais teve o mérito de encarrear os nossos velhos rivais desportivos para o caminho

## Vimearanenses e Vitorianos

Uma Comissão constituída por dedicados Vitorianos e pela Direcção do vosso glorioso Clube, vai recorrer ao acendrado amor clubista e espírito de dedicação de todos os desportistas locais e dos bons vimearanenses, solicitando-lhes o incondicional apoio, que possibilite a revalorização do Vitória Sport Clube nesta hora difícil da sua existência, a corresponder à anunciada resolução da construção do Estádio Municipal, alto benefício que, mesmo nesta hora, a Digníssima Edilidade não quis negar.

De todos confiadamente se espera o melhor acolhimento a Bem do Vitória e de Guimarães.

Guimarães, 24 de Maio de 1955.

A COMISSÃO.

que está nas tradições da agremiação e por outro lado o empate dos vimearanenses em Famalicão veio dar à prova aquela projecção de interesse que a valoriza. Não foi fácil o resultado obtido pelo Vitória na vila vizinha. Os famalicenses utilizaram armas pouco desportivas para tentar superar a capacidade superior da equipa alvi-negra. Assim, assistiu-se a cenas que pouco dignificam a causa. O hoquei em patins é uma modalidade que não pode, de modo algum, ser pervertida por casos como estes. Chamamos portanto a atenção da Associação de Patinagem do Minho para o facto e cremos que providências serão tomadas para os evitar futuramente. A equipa vimearanense, sofrendo de entrada dois golos de rajada, conseguiu equilibrar a partida chegando ao empate e tendo depois alcançado ainda o comando do encontro com mais um ponto, para sómente nos momentos finais os seus adversários igualarem definitivamente.

Neste fim de semana jogam-se os encontros finais Braga-Famalicense, no Rink do Estádio 28 de Maio e, como nos referimos inicialmente, o Vitória-Vianense, no nosso Rink da Amorosa. Aos dois jogos e à classificação final da prova nos referiremos no próximo número.

## FALTA DE ESPAÇO

Temos em nosso poder um artigo que nos foi enviado e onde se contesta uma opinião de um nosso colaborador e aqui publicada. O espaço não nos permite neste número publicar o referido artigo, o que esperamos poder fazer no próximo, já acompanhado das considerações que o mesmo mereceu do nosso distinto colaborador.

Economize dinheiro...

### Barbeie-se

a Si próprio...

Compre a dinheiro ou a prestações, com ou sem bônus, uma máquina de barbear

### PHILIPSHAVE

no AGENTE PHILIPS em Guimarães

### TRINDADE

R. Santo António, 53

STAND DE EXPOSIÇÃO:  
Rua da Rainha n.º 94 271

## 15 PRATOS

e ACEPIPES por 20\$00

é quanto custa uma refeição no «VATEL»

O Restaurante que melhor serve.

Restaurante «VATEL»  
PORTO 256

Rua Alexandre Herculano  
(à Batalha) — Telefone, 24101

## TELEFUNKEN e A. E. G.

Agentes neste concelho:

## CASA DAS NOVIDADES GUIMARÃES

Esta casa comunica às suas estimadas clientes que possui uma grande colecção de modernos Figurinos e Revistas para as estações de Primavera e Verão.

## Câmara Municipal

### SESSÃO DE 26-V-55

Sob a presidência do sr. dr. Castro Ferreira a Câmara deliberou o seguinte:

Tomar conhecimento do projecto de abastecimento de água à povoação do Pevidém, solicitando desde já a comparticipação do Estado;

— Conceder poderes ao sr. Presidente para designar peritos nos processos da expropriação dos terrenos para o Estádio Municipal e intervir nas tentativas de conciliação Judicial;

Autorizar a colocação do reclame luminoso na sede da Junta de Turismo;

— Estabelecer o acordo com a Misericórdia de Guimarães para satisfação dos encargos do Município com o internamento de doentes pobres pela importância anual de 160.000\$000 e solicitar a necessária homologação do Sr. Ministro do Interior;

— Aceitar a oferta de 1 tanque que o sr. Ferreira Guimarães se propõe construir à margem do caminho público do lugar da Lapa, da freguesia de Moreira de Cónegos e da utilização da água mediante certas condições;

— Colher propostas para execução das obras de reparação do 1.º grupo de casas do Bairro da Arcela de harmonia com o estudo elaborado pela Repartição de Obras;

— O sr. Presidente informou que os Srs. Ministros das Obras Públicas e da Justiça, por demarches que junto de Suas Excelências tinha feito, lhe prometera que iam enviar

todos os esforços para que a obra do Palácio da Justiça se iniciasse no próximo dia 28 de Maio, com o que o sr. Presidente e a Câmara se congratularam;

— Também apresentou as bases do acordo para a aquisição do prédio, terreno e garagem do sr. António Martins Ribeiro da Silva, destinados à implantação do Palácio da Justiça, bases essas que mereceram a inteira concordância da Câmara, que se congratulou com a boa compreensão e espírito bairrista do referido proprietário pela maneira como facilitou a missão do sr. Presidente;

— Depois de analisado devidamente o debatido caso da oferta duma pedra da Muralha do Castelo, que não foi arrancada à muralha, mas cedida das que estão religiosamente guardadas, ao Ginásio Clube Português, o sr. Presidente ditou para a acta a seguinte

### PROPOSTA

Guimarães, pela sua história e valor arqueológico dos seus monumentos, impõe responsabilidades, a quem tiver de a administrar.

E' certo que o seu precioso recheio está sob a administração superior de entidades competentes.

A' Direcção da Sociedade Martins Sarmento está entregue a defesa e estudo da arqueologia monumental; ao Museu Regional de Alberto Sampaio — magnífica criação do Estado Novo — está confiada a conservação e estudo de valiosas peças de arqueologia artística.

Todos sabemos o que representam para Guimarães e para o País estes dois Estabelecimentos de cultura que, anualmente, são visitados por inúmeras pessoas, nacionais e estrangeiras, do mais alto nível intelectual e científico.

Um e outro são, na verdade, as salas de visita desta acolhedora cidade.

Mas é frequente, pedir-se à Câmara a cedência de terra do seu Castelo e ainda há bem pouco tempo nos foi surtida a cedência duma pedra da muralha.

Entendo que este estado de coisas deve acabar; do contrário, dilui-se e perde-se o simbolismo venerando que encerram tais objectos, quando cedidos sem razão ou imperativo de ordem nacional ou histórica.

Por isso, tenho a honra de propor: Primeiro — De futuro a Câmara não atenderá pedidos para cedência de terra do seu Castelo ou pedras das suas muralhas e também para o hasteamento solene da bandeira da fundação ou qualquer cerimónia de vulto dentro dos nossos monumentos que são símbolos da própria história de Portugal.

Segundo — Serão atendidos, ape-

Notícias de Guimarães n.º 1221 -- 29-5-1955



COMARCA DE GUIMARÃES  
Secretaria Judicial

## ANÚNCIO ÉDITOS DE 20 DIAS

1.ª publicação

Pela primeira secção do primeiro juízo desta comarca e nos autos de execução de sentença que Joaquim Martins Cardoso, solteiro, maior, empregado comercial, da freguesia de Lordelo, desta comarca, mas actualmente residente na rua do Ameal, da cidade do Porto, move contra António de Sousa Machado e mulher Maria de Jesus de Sousa Pacheco, ele industrial, do lugar do Alto, da dita freguesia de Lordelo, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na referida execução, nos termos do artigo 864 do código do Processo Civil.

Guimarães, 23 de Maio de 1955.

Verifiquei.

O Juíz de Direito, 279

Carlos Maria Afonso  
de Castro.

O chefe de Secção,

Alberto Fernandes Carreira.

**Leccionador** Precisa-se para escrituração e contabilidade comercial. Esta redacção informa. 285

nas, quando haja uma razão nacional ou histórica merecedora do alto simbolismo que representam essas reliquias do passado.

Terceiro — E neste caso só com plena concordância das esferas oficiais, depois de consulta formulada superiormente a Departamento competente do Estado.

— Foram ainda deferidos vários requerimentos.

## «GAMMEXANE 50»

Aprovado pelas entidades oficiais

Poderoso insecticida com base no isómero gama puro do B. H. C. (Lindane) e como tal não transmitindo cheiro e sabor desagradáveis às culturas com ele tratadas.

## «GAMMEXANE 50»

o insecticida preferido pela LAVOURA em virtude dos excelentes resultados obtidos no combate às seguintes pragas:

Escaravelho da Batateira  
Pulgão ou Áltica da Vinha  
Hoplocampas  
Afídios  
etc., etc..

## «GAMMEXANE 50»

é um produto da I. G. I., distribuído pela

215

## UNIÃO FABRIL FARMACÊUTICA

encontrando-se à venda em todos os Depósitos da

## COMPANHIA UNIÃO FABRIL